



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

LAIS SOUZA LEITE

MULHERES QUE MIGRAM: UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DAS MIGRAÇÕES EM *O VENTO SABE MEU NOME*, DE ISABEL ALLENDE

FORTALEZA-CE

2025

LAIS SOUZA LEITE

MULHERES QUE MIGRAM: UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DAS MIGRAÇÕES EM *O VENTO SABE MEU NOME*, DE ISABEL ALLENDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante

FORTALEZA - CE

2025

LAIS SOUZA LEITE

MULHERES QUE MIGRAM: UMA GEOGRAFIA LITERÁRIA DAS MIGRAÇÕES EM *O VENTO SABE MEU NOME*, DE ISABEL ALLENDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 17/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante (Orientador)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dra. Silvia Heleny Gomes da Silva

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Valery Vitória Barreira da Silva

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha mãe, Zuleide, que, com tanta luta e abrindo mão de tanto, transformou seus próprios sonhos na base que me permitiu realizar os meus.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser minha força e meu alicerce. Pela capacitação diária, pelas orações atendidas, pelas bênçãos incontáveis e por cada porta aberta ao longo do caminho. Pelo amor que não falha, por me guardar e guiar meus passos. Seu amor me sustentou e me trouxe até aqui. Toda honra e toda glória ao Senhor. *“Bendito seja o Senhor, pois mostrou o seu maravilhoso amor para comigo.”* (Salmos 31:21).

À minha mãe, Zuleide, pelo amor incondicional e pelo apoio que jamais vacilou. Pela coragem, pela entrega e por, com tanta luta e renúncia, me permitir sonhar e realizar. Por caminhar ao meu lado em cada etapa, pelas orações e pela torcida constante. De todas as grandes mulheres que atravessam este trabalho, você é a principal, a minha maior referência.

Ao meu pai, Francisco Leite, por suas orações, pelas palavras de incentivo que sempre me alcançaram e pela torcida sincera que me acompanhou durante todo o percurso.

À minha irmã, Laiza, com quem dividi o ventre, divido a vida, as dores, as alegrias e, agora, mais essa conquista, que, de muitas maneiras, também é sua.

Ao meu amado gatinho Nano (*in memoriam*), por tantos anos de companhia fiel e amor imenso, por encher meus dias de afeto e alegria. Se esta é uma vitória construída por muitas mãos, ela também tem suas pequenas patas.

Aos amigos de longa data, meu agradecimento carinhoso. Em especial, à minha amiga Julia Nascimento, por sua amizade tão preciosa, por seu apoio incondicional e por se manter sempre presente, apesar do tempo e das mudanças. Obrigada por dividir as tristezas, multiplicar as alegrias e estar ao meu lado em mais uma caminhada. Com você, divido também essa conquista.

Aos amigos que fiz ao longo da graduação, especialmente à minha amiga Eliza Ferreira, pelas estradas de campo, pelos trabalhos compartilhados, pela torcida, pelo afeto e por tornar os dias mais pesados um pouco mais leves. Obrigada por acreditar junto comigo.

Aos amigos e colegas do PET Geografia UFC, com quem aprendi, cresci e celebrei tantas vitórias. Em especial, Luiz Guilherme, Douglas Ribeiro, Beatriz Conrado, Francisco Moacir, Luiz André, Jéssica Barbosa, Luana Araújo, Francisco Carlos, Ana Gabriela, Cleitom Queiroz, Ticianara Araújo, e Clara Beathriz. À professora Iara Gomes, tutora do Programa, agradeço pela orientação atenciosa, pelos conselhos valiosos e pelas palavras que me impulsionaram.

Ao meu orientador, professor Tiago Cavalcante, por acreditar no meu potencial desde muito antes da escrita deste trabalho. Pela orientação sensível e cuidadosa, pela leveza com que guiou esse processo e pelo incentivo constante.

Às professoras da banca examinadora, Dra. Silvia Heleny Gomes da Silva e Valery Vitória Barreira da Silva, agradeço pela leitura atenta e pelas contribuições valiosas, que enriqueceram este trabalho e contribuíram para meu aprimoramento acadêmico.

A todos os professores, amigos e familiares que torceram, oraram e enviaram boas energias, ainda que à distância, meu mais profundo agradecimento.

“Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.”
(Anzaldúa, 2000, p. 232).

RESUMO

Este trabalho investiga como a literatura latino-americana escrita por mulheres revela dimensões sensíveis da migração feminina, tomando como foco o romance *O vento sabe meu nome* (2023), de Isabel Allende. Partindo de uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, fundamentada no diálogo entre Geografia e Literatura à luz da Geografia Literária e dos estudos humanistas. A pesquisa analisa de que modo as experiências de deslocamento são atravessadas por relações de gênero, pela construção de vínculos com o espaço e por memórias que sustentam práticas de resistência. Nesse percurso, examina-se a forma como Allende transforma vivências de violência, rupturas e travessias em narrativa ficcional, produzindo uma *geografia literária das migrações femininas* que evidencia tanto as vulnerabilidades quanto as potências das personagens. As trajetórias de Marisol, Leticia e Anita demonstram que a migração feminina envolve processos que articulam afetividade, pertencimento e reconfigurações espaciais, revelando perdas, reconstruções e modos de existir em movimento. Os resultados apontam que a literatura, ao entrelaçar imaginação e experiência, amplia a compreensão do fenômeno migratório para além dos dados estatísticos, oferecendo uma leitura mais humana e complexa das mobilidades contemporâneas. Conclui-se que obras como a de Allende contribuem para mapear outras geografias possíveis do deslocamento feminino, e que seu estudo permanece como campo fértil para investigações futuras sobre memória, pertencimento e desigualdade nas Américas.

Palavras-chave: migração feminina; geografia literária; literatura feminina; Isabel Allende.

RESUMEN

Este trabajo investiga cómo la literatura latinoamericana escrita por mujeres revela dimensiones sensibles de la migración femenina, tomando como foco la novela *El viento conoce mi nombre* (2023), de Isabel Allende. A partir de un enfoque cualitativo de carácter interpretativo, fundamentado en el diálogo entre Geografía y literatura a la luz de la Geografía Literaria y de los estudios humanistas. La investigación analiza de qué modo las experiencias de desplazamiento están atravesadas por relaciones de género, por la construcción de vínculos con el espacio y por memorias que sostienen prácticas de resistencia. En este proceso, se examina cómo Allende transforma vivencias de violencia, rupturas y travesías en narrativa ficcional, produciendo una geografía literaria de las migraciones femeninas que evidencia tanto las vulnerabilidades como las potencias de sus personajes. Las trayectorias de Marisol, Leticia y Anita demuestran que la migración femenina implica procesos que articulan afectividad, pertenencia y reconfiguraciones espaciales, revelando pérdidas, reconstrucciones y modos de existir en movimiento. Los resultados señalan que la literatura, al entrelazar imaginación y experiencia, amplía la comprensión del fenómeno migratorio más allá de los datos estadísticos, ofreciendo una lectura más humana y compleja de las movilidades contemporáneas. Se concluye que obras como la de Allende contribuyen a cartografiar otras geografías posibles del desplazamiento femenino, y que su estudio sigue constituyendo un campo fértil para futuras investigaciones sobre memoria, pertenencia y desigualdad en las Américas.

Palabras clave: migración femenina; geografía literaria; literatura femenina; Isabel Allende.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Autoras e respectivas obras analisadas no subcapítulo 3.1, conforme a ordem de apresentação no texto	25
Figura 2 - Autoras e respectivas obras analisadas no subcapítulo 3.2, conforme a ordem de apresentação no texto	26
Figura 3 - Autoras e respectivas obras analisadas no subcapítulo 3.3, conforme a ordem de apresentação no texto	26
Figura 4 - Autora Isabel Allende e obras que abordam migração e gênero	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OIM Organização Internacional para as Migrações

SUMÁRIO

1.	PERCURSOS INICIAIS	14
2.	ENCONTROS ENTRE A GEOGRAFIA LITERÁRIA E A MIGRAÇÃO FEMININA	18
3.	CORPO, ESPAÇO E GÊNERO: MULHERES EM MOVIMENTO NA LITERATURA	24
3.1	Migração Feminina em territórios distantes	27
3.2	Migração Feminina na América Hispanohablante	32
3.3	Migração Feminina no Brasil	36
4.	AS TRAJETÓRIAS FEMININAS EM <i>O VENTO SABE MEU NOME</i>	42
4.1	Isabel Allende e as geografias das migrações femininas	42
4.2	Mulheres em Travessia em <i>O Vento Sabe Meu Nome</i>	45
4.3	Vulnerabilidades e Resistências de Mulheres que Migram Em <i>O Vento Sabe Meu Nome</i>	49
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	58

1 PERCURSOS INICIAIS

O ato de deslocar-se acompanha a espécie humana desde os primórdios de sua existência. Entretanto, nas últimas décadas, o que se observa é um aumento considerável dos fluxos migratórios internacionais (OIM, 2024). Sob essa perspectiva, podemos dizer que “[...] migração e mobilidade são fenômenos constituintes da experiência contemporânea. Estar no mundo, hoje, é conviver com a mobilidade e a migração, e todas suas implicações [...]” (Marandola Jr e Dal Gallo, 2010, p.407).

Nesta mesma direção, o Relatório Mundial sobre Migração de 2024, produzido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), apresenta as últimas tendências e desafios mundiais para a mobilidade humana. Tal documento nos revela que o número aproximado de migrantes internacionais aumentou nas últimas cinco décadas. O total estimado de 281 milhões de pessoas vivendo em um país diferente de seu país de nascimento em 2020 foi 128 milhões a mais do que em 1990 e mais de três vezes o número estimado em 1970.

Contudo, quando se discute migração, não se pode desconsiderar que esse é um fenômeno complexo e multifacetado (Marandola Jr. e Dal Gallo, 2010). Diversos fatores corroboram para esse processo, dentre eles, perseguições políticas, guerras, violência estrutural ou desigualdade econômica, assim como, a raça, a classe social e também o gênero, aspecto que será abordado de forma mais aprofundada neste trabalho.

De modo semelhante, o Relatório reforça que a migração, como qualquer outro aspecto da vida de um indivíduo, permanece estruturada por normas de gênero que atribuem certos papéis e expectativas às pessoas com base no sexo fisiológico ao nascer. Devido a esses papéis atribuídos, a migração tendia a ser retratada como dominada pelos homens, com mulheres e meninas consideradas como "migradoras atadas", migrando como esposas e filhas ou posteriormente por meio da reunificação familiar (OIM, 2024). Logo, é possível constatar que o gênero divide, classifica e hierarquiza a humanidade em duas metades desiguais e interage com as categorias de classe, raça, idade e sexualidade (Leroy, 2023).

É a partir da década de 1970, com o desenvolvimento da segunda onda das teorias feministas que tal cenário passa por profundas transformações, “[...] o movimento feminista, com sua ênfase na situação das mulheres, fez com que alguns questionassem a quase invisibilidade das mulheres como migrantes, sua suposta passividade no processo de migração e seu lugar assumido no lar.” (Boyd e Grieco, 2003, tradução nossa). É nesse contexto que, nos anos 90, surge na abundante literatura que cruza gênero e migração, a ideia da

feminização da migração, que é entendida enquanto aumento significativo da participação das mulheres nas migrações internacionais (Leroy, 2023). Além disso, é importante destacar que, como aponta Miranda (2009, p.23), o “[...] discurso da feminização da migração pode ser explicado não apenas por um aumento real no número de mulheres nos fluxos populacionais, mas também pela aceitação do conceito de mulher migrante”. Tal aceitação confere à mulher “[...] outro “lugar” social e político nas coordenadas das migrações, deixando de ocupar o lugar secundário na perspectiva da dependência e assumindo os riscos e as responsabilidades da condição de mulher e migrante” (Oliveira e Noronha, 2013, p.3).

Entretanto, estudos recentes nos revelam que as migrações femininas não são uniformes. Elas são “[...] complexas e dinâmicas” e se desdobram de forma “não linear” (Christou e Kofman, 2022) e tal alegação também se aplica à essa ideia universalizadora de *feminização da migração*.

Para contornar tal barreira, em vez de falar da *feminização da migração* como um fenômeno global, Tittensor e Mansouri (2017) desenvolveram assim a ideia de *bolsões de feminização*, entendidos como regiões específicas, países ou fluxos migratórios onde a presença de mulheres migrantes é dominante, significativa ou tem crescido de forma notável, contrastando com o cenário global em que os números de migrantes homens e mulheres são próximos, ou até com uma ligeira predominância masculina em algumas estatísticas recentes, como nos revela o relatório da OIM de 2024:

Atualmente, há um número maior de migrantes internacionais do sexo masculino do que do sexo feminino em todo o mundo, e a crescente disparidade de gênero aumentou nos últimos 20 anos. Em 2000, a proporção entre homens e mulheres era de 50,6% a 49,4% (ou 88 milhões de migrantes do sexo masculino e 86 milhões de migrantes do sexo feminino). Em 2020, a proporção era de 51,9% a 48,1%, com 146 milhões de migrantes do sexo masculino e 135 milhões de migrantes do sexo feminino. A proporção de migrantes do sexo feminino vem diminuindo desde 2000, enquanto a proporção de migrantes do sexo masculino aumentou 1,3 ponto percentual. (OIM, 2024)

Essa ideia de *bolsões de feminização da migração* se aplica no recorte latino-americano, que será o recorte de análise desta pesquisa.

Apesar da ampla produção acadêmica sobre migrações, a dimensão de gênero ainda é frequentemente negligenciada, principalmente no que se refere à subjetividade que envolve e diferencia esse processo para essas mulheres em movimento, tendo em vista que, essas vivenciam o deslocamento de forma singular, marcada por vulnerabilidades específicas, mas também por estratégias de resistência e (re)construção identitária, que corriqueiramente não são representadas nos dados quantitativos.

A literatura, enquanto expressão simbólica da experiência humana, torna-se, desse modo, um campo possível para compreender essas trajetórias sob um prisma sensível e crítico, resgatando assim as subjetividades que envolvem esses movimentos. É diante de tal contexto que emerge a perspectiva da geografia literária, campo que articula espaço e narrativa, conforme propõem Collot (2012) e Cavalcante (2019; 2020), tornando possível compreender como a literatura não apenas representa lugares, mas também os produz simbolicamente.

A partir dessa perspectiva, dentro do grande repertório literário latino-americano que explora as migrações femininas, Isabel Allende destaca-se por ser uma autora amplamente reconhecida por abordar em suas obras temas como exílio, memória e resistência feminina, como em um dos seus mais recentes romances, *O vento sabe meu nome* (2023), uma narrativa profundamente marcada pelo deslocamento e pela dor, em que as mulheres emergem como protagonistas de suas próprias travessias. A obra é particularmente rica para esta análise por entrelaçar histórias de migração forçada em diferentes temporalidades, colocando sempre as mulheres no centro como sujeitos que, mesmo na dor, ressignificam seus espaços e suas identidades.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e exploratória, sustentada em procedimentos bibliográficos e documentais, com o intuito de investigar as representações da migração feminina na obra *O Vento Sabe Meu Nome*, de Isabel Allende. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica abrangente, reunindo contribuições teóricas que discutem migração, identidade, interseccionalidade, gênero e suas relações com a Geografia Cultural e Humanista, com ênfase especial na Geografia Literária.

Ademais, a pesquisa utilizou a análise de conteúdo como técnica principal, com o objetivo de identificar, na obra, os temas recorrentes relacionados à experiência das mulheres migrantes, como identidade, pertencimento, desafios enfrentados e estratégias de resistência, observando de que modo essas representações dialogam com os debates contemporâneos sobre mobilidade, espaço e gênero. Complementarmente, foi realizada uma análise documental de fontes externas, como relatórios de organismos internacionais e dados estatísticos, tomando como principal referência a Organização Internacional para Migração (OIM), a fim de ampliar a compreensão sobre as dinâmicas migratórias femininas. Não se pretendeu, contudo, estabelecer correspondências diretas entre a realidade empírica e a ficção, mas evidenciar como a literatura, ao narrar as experiências do deslocamento, expressa dimensões subjetivas, simbólicas e afetivas que escapam aos registros quantitativos, o que enriquece o debate.

Nesse contexto, o objetivo geral do estudo consistiu em apreender de que formas a migração feminina é revelada na obra *O Vento Sabe Meu Nome*, de Isabel Allende. De modo específico, buscou-se compreender como a narrativa retrata as experiências das mulheres migrantes; investigar de que forma a autora aborda as relações entre gênero, poder, violência e resistência; e examinar se e como as personagens desafiam ou reforçam estereótipos de gênero e migração.

O trabalho estrutura-se em três capítulos. O primeiro apresenta o percurso teórico-metodológico da pesquisa e discute as aproximações entre a geografia literária e a migração feminina. O segundo amplia a reflexão para outras narrativas literárias que abordam as experiências migratórias de mulheres em diferentes contextos. O terceiro capítulo, por sua vez, dedica-se à análise da obra *O vento sabe meu nome* (2023), de Isabel Allende. A discussão tem início com uma breve contextualização da trajetória da autora. Em seguida, o foco recai sobre as travessias que estruturam o romance. Por último, a análise aprofunda-se nas noções de vulnerabilidade e resistência presentes na obra. As considerações finais encerram o percurso proposto, retomando os principais pontos discutidos ao longo da pesquisa e refletindo sobre o papel da literatura na representação da experiência migratória feminina e na construção de uma *geografia literária das migrações femininas*.

2 ENCONTROS ENTRE A GEOGRAFIA LITERÁRIA E A MIGRAÇÃO FEMININA

A literatura sempre foi um espaço privilegiado para a expressão das experiências humanas no mundo, isso se deve em parte ao fato que “[...] a força das histórias não está em imitar de maneira verossímil pessoas e fatos, mas em capturar a confusão das existências, como se fazem e se desfazem as crenças, como colidem estilhaços de várias procedências no mundo e em nossas cabeças [...]” (Ferrante, 2015). Sob esse viés percebemos a literatura como uma poderosa ferramenta que traduz as complexidades de quem somos e de como nos relacionamos com o espaço em que estamos inseridos.

De maneira semelhante, é cabível ressaltar que “[...] esse mundo sentido e experienciado na literatura pode ser entrelaçado, descrito e explorado pela geografia [...]” (Souza, 2023, p.14). Marandola Jr. e Oliveira (2009) nos atentam ao fato de que tais saberes apresentam-se como duas distintas visões de mundo com suas respectivas potencialidades e limitações, mas que convergem no que se refere à configuração de novos mundos. Os autores destacam, de mesmo modo, que a relação geografia-literatura não pode ser compreendida sob um ponto de vista simplista ou hierárquico, isso porque tal percepção acaba por reduzir o potencial compreensivo de uma ou de outra. Geógrafos como Brosseau (2007) reiteram em suas produções as potencialidades dessa relação entre geografia e literatura que, ao contrário do que se pensa, em primeiro momento, sempre estiveram intrinsecamente associadas. Estudos que relacionam essas duas áreas do conhecimento são encontrados em diversos momentos na história do pensamento geográfico, entretanto, é apenas na década de 1970 que observamos um aumento considerável de produções dessa natureza.

Além disso, a literatura traz aos estudos geográficos uma outra importante contribuição: a questão do gênero. “O silêncio conferido às mulheres no decorrer da história não se restringia apenas aos espaços públicos [...]” (Oliveira; Schenatto, 2022, p.27), e as ciências, dentre as quais inclui-se a geografia, negligenciaram por um longo período o gênero em seus estudos e a omissão dessa importante categoria de análise reflete a predominância do sexo masculino sobre o feminino nos estudos dos mais diversos fenômenos, como afirma Vicente (1999). Foi a geógrafa Doreen Massey, uma das principais responsáveis pela inserção do gênero nos estudos geográficos, sendo a sua obra *Space, Place and Gender* (1994) um dos marcos dessa inserção. Contudo, é importante destacar que, antes mesmo dessa formalização nos estudos geográficos, a literatura já se apresentava como um importante espaço para reflexão sobre as questões de gênero. A literatura, portanto, não apenas antecipou algumas dessas discussões, como também oferece uma rica fonte de exemplos e representações que

ajudam os geógrafos e geógrafas a compreender de maneira mais profunda a complexidade das dinâmicas de gênero.

Diante de tal contexto, a geografia literária surge como o resultado dessa relação construída ao longo dos anos, traduzindo-se como o estudo das possíveis conexões entre o espaço e a palavra escrita (Cavalcante, 2020). Ela não se limita a uma abordagem descritiva dos cenários literários, mas busca compreender como a literatura constrói, reinterpreta e até mesmo transforma as noções de espaço, paisagem, lugar e território. Assim, a geografia literária consolida-se como um campo interdisciplinar que enriquece tanto a análise geográfica quanto a crítica literária, evidenciando como a escrita transforma e é transformada pelas dinâmicas espaciais.

Adicionalmente, Collot (2012) sistematiza a Geografia Literária em três eixos analíticos inter-relacionados: a abordagem geográfica, que investiga a materialidade dos espaços representados; a perspectiva geocrítica, focada nas dinâmicas entre espaços reais e ficcionais; e a vertente geopoética, que explora a dimensão sensível e existencial da relação entre literatura e território.

A perspectiva *geográfica* aplicada à análise literária, conforme discutida por Collot (2012) e Cavalcante (2019), investiga como as representações espaciais nos textos literários transcendem a mera descrição de cenários para se tornarem elementos estruturantes da narrativa. Esses estudiosos argumentam que os espaços literários funcionam como atores dinâmicos que influenciam tramas, personagens e significados simbólicos.

Essa abordagem revela-se particularmente eficaz ao demonstrar como a literatura pode construir uma cartografia das experiências humanas no espaço, transformando lugares em territórios carregados de significação cultural e afetiva. Como observam esses autores, o crescente interesse dos geógrafos pela literatura deriva precisamente dessa capacidade única dos textos literários de capturar as múltiplas dimensões da experiência espacial. Além disso, sobre essa vertente, é possível constatar que ela “estuda o contexto espacial em que as obras são produzidas (a geografia *da* literatura) ou identifica as referências geográficas a que se referem as obras (geografia *na* literatura)” (Cavalcante, 2019, p. 27).

A *geocrítica*, por outro lado, foi sistematizada por Bertrand Westphal e discutida por estudiosos como Collot (2012) e Cavalcante (2019), e propõe uma análise dialética das relações entre espaço e literatura. Essa abordagem não se limita ao estudo isolado de obras, mas investiga como diferentes textos literários (independentemente de origem geográfica ou período histórico) constroem e reconstróem imaginários espaciais.

Como destacam esses autores, tal perspectiva opera através de um duplo movimento: por um lado, revela como a literatura produz geografias simbólicas; por outro, demonstra como os espaços concretos influenciam a criação literária. Dessa forma,

Podemos afirmar, pois, que a proposta da geocrítica consiste no estudo das interações que se estabelecem entre os espaços humanos e a literatura; e mais, a geocrítica velará pela articulação entre literatura e espaço, o que permitirá caracterizar as identidades culturais [...] (Marqués Messenger, 2017, p.12 apud Falcão, 2023, p.18)

A abordagem *geopoética*, concebida pelo escritor franco-escocês Kenneth White, propõe uma relação sensível e reflexiva entre o sujeito e o mundo, integrando poesia, pensamento e ciência (Bouvet, 2012) rompendo, assim, com a fragmentação do conhecimento para vislumbrar a totalidade da experiência humana. Kozel (2012) reforça essa perspectiva ao afirmar que:

[...] a poesia, o pensamento e a ciência podem convergir em reciprocidade para romper com as fragilidades inerentes à fragmentação e dualidade do conhecimento vislumbrando o “todo”; a “inteireza” do ser humano no mundo buscando refletir sobre a vida na terra e o papel do ser humano nesse contexto. Essas dimensões podem se integrar com a “objetivação do sensível”, proveniente dos significados próprios de cada um, dos valores éticos que reside no perceber, representar e transformar as maneiras de ser e pensar e viver no mundo. (Kozel, 2012, p.66)

Logo, a *geopoética* emerge como um paradigma que transforma o espaço em campo de criação literária e reflexão existencial, em que a linguagem poética desvela as múltiplas camadas da relação entre humanos e território.

Todas essas vertentes revelam-se fundamentais para esta pesquisa, cada qual contribuindo de maneira singular. A abordagem geográfica permite mapear as relações concretas entre literatura e espaço, enquanto que a geocrítica oferece as ferramentas para desvendar os diálogos entre real e ficcional na construção de imaginários territoriais. Já a *geopoética*, por sua vez, amplia o olhar ao integrar dimensões sensíveis e existenciais, evidenciando como a linguagem literária traduz os mais diversos modos de habitar e ser no mundo. Em conjunto, essas três perspectivas não apenas enriquecem a análise geoliterária aqui proposta, mas também proporcionam uma compreensão mais abrangente das complexas relações entre o espaço, a palavra e a experiência humana, eixo central desta investigação.

Nesse contexto, a Geografia, ao dialogar com a literatura, amplia suas possibilidades de contribuição para diferentes campos de estudo, entre eles processos sociais complexos como a migração feminina. A partir da perspectiva geoliterária, é possível compreender como os deslocamentos territoriais, sobretudo aqueles marcados pela experiência das mulheres, são

representados, ressignificados e problematizados nas narrativas ficcionais. Ao integrar o olhar espacial às dimensões simbólicas e sensíveis da literatura, encontramos importantes subsídios para investigar não apenas os percursos físicos das migrações, mas também as marcas deixadas nos corpos, nas identidades e nos imaginários, evidenciando como essas trajetórias são bem mais complexas do que sugerem as abordagens tradicionais.

Sob essa perspectiva, a autora Isabel Allende, que se autodenomina uma "eterna migrante" e demonstra especial sensibilidade ao retratar as dificuldades enfrentadas por aqueles que são forçados a buscar refúgio em terras estrangeiras (Allende, 2023), reafirma através de sua obra *O Vento Sabe Meu Nome* (2023) um processo migratório que não se resume a uma simples transposição de fronteiras físicas. Sua narrativa revela uma experiência complexa e profundamente marcada por desigualdades de gênero, violências estruturais e estratégias de resistência feminina, constituindo-se como um rico objeto de análise para compreender como a literatura representa as migrações a partir de uma perspectiva de gênero.

O romance de Allende vai além da descrição convencional, incorporando dimensões subjetivas que evidenciam como o gênero opera como fator determinante na experiência migratória. Essa abordagem permite visualizar aspectos muitas vezes invisibilizados nos estudos tradicionais sobre migração, destacando a necessidade de análises que considerem as interseções entre gênero, mobilidade e produção do espaço. A geografia literária que emerge da obra é, desse modo, profundamente dialética: se por um lado revela estruturas que limitam a mobilidade feminina, por outro celebra a capacidade das mulheres de criar novas formas de *ser-no-mundo* (Heidegger, 1995). Diante de tal contexto, a obra de Allende serve como base para a construção de uma *geografia literária das migrações* centrada nas experiências de mulheres que se deslocam, que, tal como a autora faz em sua narrativa, colocamos aqui como protagonistas. Além disso, ela nos oferece uma visão complexa da migração feminina, onde dor e resiliência, perda e reconstrução se entrelaçam para compor um retrato das dinâmicas de deslocamento contemporâneas.

Essa *geografia literária das migrações* presente na obra de Allende, evidencia ainda o paradoxo entre a invisibilidade e a visibilidade das mulheres nesses percursos, uma vez que frequentemente essas mulheres são apagadas das estatísticas oficiais (ou reduzidas a vítimas passivas). Essa dimensão corrobora os estudos de Massey (1994) sobre geografia e gênero, que criticam a noção de espaço como algo neutro e estático, propondo, em seu lugar, uma visão dinâmica e plural em que o gênero é considerado um fator crucial na construção e dinamização desse espaço.

Para compreender plenamente essa construção narrativa, é essencial considerar a trajetória da própria Allende. Nascida no Peru em 1942 e radicada no Chile, a autora vivenciou o exílio após o golpe militar de 1973; tal experiência marcou profundamente sua percepção sobre deslocamento, memória e resistência, elementos centrais em sua obra. Sua literatura, marcada por seu engajamento feminista e comprometimento com a justiça social, frequentemente recupera histórias de mulheres que, como ela, enfrentaram os desafios da migração. Em *O Vento Sabe Meu Nome*, de modo específico, essa bagagem pessoal se traduz em uma narrativa que articula, de forma singular, as dimensões espaciais e humanas dos deslocamentos.

Para interpretar essa dinâmica, a Geografia Humanista, corrente que consolida-se no final da década de 1960, oferece um suporte teórico-metodológico essencial, pois, como afirma Holzer (2016), tal abordagem dá ênfase aos fatores subjetivos que permeiam as interações humanas e, por consequência, os estudos das ciências humanas.

Essa corrente encontra na Filosofia, em especial na fenomenologia, enquanto método essencialmente filosófico (Husserl, 2000) “[...] que pode influenciar (fortemente inclusive) uma postura diante da vida, mas também diante da produção do conhecimento [...]” (Serpa, 2019, p.23) os instrumentos necessários para pensar uma nova geografia, diferente daquela feita, até então, pelos neopositivistas. Desse modo, “a Geografia fenomenológica que se descortina a partir daí é, sobretudo, uma *ontologia do espaço*: um espaço que se cria e se produz individual e socialmente *em situação* e a partir da ação de *seres humanos posicionados no mundo* [...]” (Serpa, 2019, p.23, grifos do autor) e é a resposta à demanda que se tinha por uma ciência geográfica que abarcasse tanto o objetivo, quanto o subjetivo (Holzer, 1996). Ademais, ainda no que se refere à fenomenologia, reitera-se que como método, ela oferece um rigor descritivo para investigar os modos como os indivíduos vivenciam seus mundos subjetivos (Relph, 1970).

Esse mundo vivido que Relph (1979, p. 4) apresenta “[...] não é absolutamente óbvio e os seus significados não se apresentam por si mesmo, mas têm de ser descobertos”. Ele revela-se como uma contraposição a um mundo natural regido por determinações fixas e é construído pelos seres humanos, com seus atos, desejos, esforços e angústias (Relph, 1979; Serpa, 2019).

Sob essa perspectiva, a Geografia Humanista, influenciada pela fenomenologia de Husserl, Heidegger, entre outros, e representada por geógrafos como Yi-Fu Tuan, Edward Relph e Anne Buttiner, desloca, desse modo, o foco do espaço objetivo para a experiência vivida, privilegiando conceitos como *lugar* (em oposição a espaço abstrato), *topofilia* (afeto

pelo lugar) e *mundo-da-vida* (o cotidiano como fonte de significado); construindo uma geografia marcada pela intrínseca relação entre o indivíduo e o mundo (Brum, 2015).

Percebe-se que a Geografia Humanista, através do método fenomenológico, ao valorizar micro-narrativas, como as presentes na produção de Allende, nos permite ler o espaço não como cenário passivo, mas como corpo coletivo em transformação, onde as mulheres escrevem, com suas existências, novas possibilidades de pertencimento. Ademais, tal abordagem permite repensar as migrações não como linhas em um mapa, mas como uma rede de experiências vividas, onde o corpo feminino se torna o verdadeiro território em disputa. A literatura de Allende, nos oferece, assim, um contraponto vital aos discursos oficiais sobre migração, revelando as múltiplas camadas que compõem essa geografia dos deslocamentos contemporâneos.

3 CORPO, ESPAÇO E GÊNERO: MULHERES EM MOVIMENTO NA LITERATURA

Dando continuidade às reflexões desenvolvidas no capítulo anterior, este capítulo propõe um alargamento do olhar ao incorporar outras vozes literárias que também se dedicam a narrar experiências migratórias protagonizadas por mulheres. Argumenta-se que, embora situadas em diferentes contextos históricos, sociais e geográficos, essas narrativas compartilham elementos recorrentes, como a denúncia da violência, a perda de vínculos, a busca por pertencimento e a reconstrução identitária, ao mesmo tempo em que evidenciam singularidades locais quando observadas em diálogo entre si.

Esse percurso analítico é composto de três momentos de análises literárias. O primeiro diz respeito à literatura internacional, através das autoras: Min Jin Lee, Mary Lynn Bracht e Chimamanda Adichie (ver Figura 1). O segundo se refere à literatura latino-americana hispano-hablante por meio das escritoras Laura Restrepo e Angie Cruz (ver Figura 2). O terceiro aborda a produção literária brasileira por intermédio de Clarice Lispector, Dalinha Catunda e Tuyra Andrade (ver Figura 3). Essa transição geográfica e cultural tem como objetivo compreender de que maneira a literatura, escrita por mulheres em diferentes temporalidades e espaços, constrói representações potentes da migração feminina, abordando não apenas o deslocamento físico, mas também as transformações subjetivas e identitárias desencadeadas por esse processo.

Vale destacar que muitas dessas autoras, assim como Isabel Allende, tomam a migração forçada como eixo estruturante de suas narrativas. Suas personagens não migram por escolha, mas em razão de perseguições políticas, guerras, violência estrutural ou desigualdade econômica, o que confere às histórias um caráter marcado pela urgência, pela perda e pela necessidade. Essa leitura se aproxima das reflexões de Becker (1997) e Todaro (1969), que, sob uma perspectiva neomarxista, compreendem a migração contemporânea não como um ato soberano, mas como uma mobilidade forçada pelas necessidades do capital. Essa condição impõe desafios físicos e emocionais que ultrapassam a simples ideia de mudança de território: envolve rupturas familiares, silenciamentos históricos e reconfigurações afetivas. As narrativas, nesse sentido, operam simultaneamente como denúncia e como espaço de reelaboração simbólica, ao resgatar as experiências silenciadas e ao criar possibilidades de resistência e de reinvenção.

Para sustentar essa análise, adotamos uma perspectiva comparativa e interdisciplinar, ancorada nos estudos de gênero e interseccionalidade (Crenshaw, 1989), que permitem observar como diferentes marcadores sociais (gênero, raça, classe e etnia) atravessam a

experiência migratória. Além disso, recorreremos aos estudos transnacionais (Schiller et. al. 1995), que fornecem ferramentas teóricas para pensar a migração como fenômeno que transcende fronteiras físicas e políticas, articulando dimensões locais e globais. Essa base metodológica possibilita compreender como a literatura constrói discursos sobre deslocamento, perda e pertencimento, tensionando as categorias de identidade e nacionalidade.

Figura 1 - Autoras e respectivas obras analisadas no subcapítulo 3.1, conforme a ordem de apresentação no texto



Fonte: Elaboração da autora (2025), a partir de imagens disponíveis na internet.

A análise proposta, portanto, não se limita a identificar temas recorrentes, mas busca compreender como essas experiências são narradas: que recursos literários são mobilizados, que imagens do corpo e da memória são evocadas, que vozes narrativas emergem para dar forma ao sofrimento, à resistência e à reconstrução de subjetividades. Essa dimensão estética e discursiva é fundamental para perceber que a literatura além de registrar, também interpreta e ressignifica a experiência migratória, oferecendo novos modos de pensar a condição feminina em contextos de deslocamento.

Ao final, este capítulo procura demonstrar que a literatura produzida por mulheres sobre migração, ao articular experiências individuais e coletivas, locais e globais, não apenas denuncia opressões históricas, mas também inaugura novos imaginários sobre identidade, pertencimento e fronteiras. Ao reunir vozes tão diversas, o objetivo é revelar tanto os fios

comuns que atravessam essas narrativas quanto às particularidades que emergem de cada contexto, ampliando a compreensão sobre a migração feminina como experiência simultaneamente de perda e de reinvenção.

Figura 2 - Autoras e respectivas obras analisadas no subcapítulo 3.2, conforme a ordem de apresentação no texto



Fonte: Elaboração da autora (2025), a partir de imagens disponíveis na internet.

Figura 3 - Autoras e respectivas obras analisadas no subcapítulo 3.3, conforme a ordem de apresentação no texto



Fonte: Elaboração da autora (2025), a partir de imagens disponíveis na internet.

3.1 Migração feminina em territórios distantes

Iniciamos pela literatura internacional para observar como autoras de diferentes contextos sociopolíticos narram a migração forçada, revelando experiências de deslocamento atravessadas por violência, urgência e reconstrução identitária. Superando os limites geográficos do contexto latino-americano, este primeiro momento analítico volta-se para outras perspectivas literárias que também problematizam a migração feminina em contextos de deslocamento. Autoras de diferentes partes do mundo têm construído narrativas que, ao tratar da migração, lançam luz sobre experiências de mulheres que enfrentam múltiplas formas de opressão, violência e exclusão, sem deixar de evidenciar suas estratégias de resistência e reinvenção

Nesse sentido, a escritora sul-coreana Min Jin Lee, em seu romance *Pachinko* (2020), apresenta um retrato denso e sensível da migração de coreanos para o Japão, com especial atenção às vivências das mulheres, que enfrentam camadas múltiplas de opressão em solo estrangeiro. A obra acompanha a trajetória de Sunja, uma jovem coreana do início do século XX que, diante de uma gravidez inesperada e das rígidas pressões sociais da época, vê-se obrigada a deixar sua terra natal para acompanhar o marido rumo ao Japão, uma migração que não decorre de uma escolha livre, mas sim das limitações impostas às mulheres em seu contexto social, como ilustra a seguinte passagem do romance:

Sunja, a vida de uma mulher é trabalho e sofrimento sem fim. É sofrimento após sofrimento. É melhor se preparar, sabe. Você está se tornando uma mulher, então, precisa aprender isto: o homem com quem se casar vai determinar sua qualidade de vida. Um bom homem vai lhe dar uma vida decente, já com um homem ruim você terá uma vida amaldiçoada... Mas não importa o que aconteça, sempre espere sofrimento e continue trabalhando duro. Ninguém se preocupa com uma mulher pobre... a não ser nós mesmas. (Lee, 2020, p.37)

Essa fala sintetiza o peso das normas sociais sobre as mulheres coreanas, evidenciando como gênero, classe e tradição moldam as possibilidades de vida das personagens. Entretanto, embora o romance se passe em um período anterior, essa estrutura não se esgota no passado. O percurso de Sunja, ainda que situado em outro tempo, ecoa tensões que continuam atravessando a vida das mulheres no presente, uma vez que, mesmo diante da modernização e da globalização da Coreia do Sul, o patriarcado persiste como força reguladora das relações familiares e sociais: mulheres sul-coreanas ainda enfrentam múltiplas jornadas de trabalho (profissional, doméstico e de cuidado), além de lidarem com elevadas taxas de violência doméstica e desigualdade de gênero.

Contudo, Lee não as retrata como sujeitos passivos: ao longo do romance, Sunja desafia expectativas e cria estratégias de sobrevivência, mesmo quando confrontada por julgamentos severos, como no episódio em que decide empenhar objetos para pagar dívidas familiares, como observamos no seguinte trecho:

Perderam o juízo? Que tipo de mulher vai a uma loja de penhores? Yoseb olhou para Sunja com severidade. Como uma mulher pode fazer uma coisa dessas? [...] Mulheres estúpidas! Como vou encarar esses homens novamente, toda vez que sair na rua, sabendo que duas mulheres estúpidas pagaram minhas dívidas? (Lee, 2020, p.158).

Aqui, a autora expõe a contradição vivida pelas personagens: ao mesmo tempo em que são cobradas por sua honra e silêncio, são também consideradas vergonhosas se ocupam a posição de responsáveis pela sobrevivência financeira da família. Lugar, sobremaneira, atrelado ao imaginário social masculino. Essa tensão evidencia a interseccionalidade como “um ‘sistema de opressão interligado’” (Akotirene, 2022, p. 21), na qual gênero e etnia se combinam para marginalizar mulheres migrantes, sem, contudo, impedir que elas resistam e reinventem suas identidades em terras estrangeiras. Essa condição é teorizada por Santos (2024), que observa que:

[...] as mulheres *zainichi* são postas em uma intersecção de opressões, ou seja, o fato de serem mulheres coreanas, em um país estrangeiro, as posicionavam em uma situação de dupla discriminação, em que tanto a etnia quanto o gênero contribuíam com a construção de estereótipos e crenças negativas acerca dessas mulheres. (Santos, 2024, p.47).

Entretanto, destaca-se que nem o mais hostil dos cenários impossibilitou Sunja e as outras personagens femininas da obra de resistir e ressignificar suas identidades e seus corpos em movimento. Ao longo de quase cem anos, a história de Sunja e seus descendentes, entrelaçada aos salões de *pachinko* (um jogo mecânico originário do Japão, utilizado frequentemente, como jogo de azar), espaços simbólicos dos desafios e esperanças dos imigrantes coreanos no Japão, nos revela uma narrativa marcada por discriminações étnicas, sociais e de gênero. Ao mesmo tempo, evidencia a tentativa constante dessas mulheres de sobreviver e (re)construir uma identidade em uma terra marcada pela exclusão.

Ao construir personagens femininas que resistem às opressões impostas tanto pelo gênero quanto pela etnia, Lee aproxima-se de Allende na maneira como estrutura a migração como um processo traumático, mas também de reinvenção subjetiva. Tanto Sunja quanto as personagens de Allende, em *O Vento Sabe Meu Nome*, são mulheres lançadas ao deslocamento por forças alheias à sua vontade, marcadas por perdas, silenciamentos e invisibilização social. Essas personagens evidenciam que, mesmo em meio ao exílio, a mulher

migrante não é apenas corpo violado, mas também sujeito político e afetivo que reconstrói identidades em contextos de exclusão.

De maneira similar, a escritora, de ascendência sul-coreana, Mary Lynn Bracht, em *Herdeiras do Mar* (2020), aprofunda-se na migração forçada de mulheres e meninas durante a ocupação japonesa na Coreia, situando sua narrativa em um dos períodos mais sombrios da história recente do Leste Asiático. A obra centra-se na figura das chamadas "mulheres de conforto", jovens coreanas sequestradas e levadas para servir sexualmente soldados japoneses, expondo de forma sensível e contundente a violação dos direitos humanos e as camadas de sofrimento impostas a essas mulheres. Ao abordar essa experiência de deslocamento, o romance enfatiza o modo como o corpo feminino se torna um território de dominação colonial e de violência sistemática, que ultrapassa a esfera individual e atinge a memória coletiva de uma nação:

Uma vez que são levadas, as meninas nunca mais voltam para casa. Seus pais enlutados não recebem nenhuma espada com palavras de apreço. As meninas desaparecem. Só rumores chegam aos lares, rumores que não podem ser compartilhados com as crianças que ficaram (Bracht, 2020, p. 37).

A narrativa constrói figuras femininas que se recusam a adotar uma postura passiva diante de suas circunstâncias. Ainda que submetidas a uma estrutura de opressão violenta, as personagens desenvolvem estratégias de resistência, preservação da dignidade e reconstrução de laços afetivos. Souza (2023) nos atenta ao fato de que a autora para além de narrar os horrores da guerra, da colonização e de como estes impactam profundamente na memória e nos corpos dessas mulheres, destaca também a rede de apoio e afeto que se constrói entre as personagens do romance, o que é visto, por exemplo, através da relação das irmãs, sobre as quais a história discorre, e a forma como elas se conectam às suas origens como parte do povo da ilha de Jeju e das "*haenyeo*", mulheres mergulhadoras da ilha de Jeju, conhecidas por coletarem frutos do mar em mergulhos livres por meio de técnicas ancestrais, sem o uso de equipamentos modernos, como visualizamos na seguinte passagem:

Quer dizer suas últimas palavras?" Ele está sem ar. Seu peito arfa. "Eu nunca fui uma prostituta". Ele dá risada dela. "Isso é tudo o que você tem a dizer? Quem se importa com o que você foi? Você não é nada." Ele mira, com o dedo no gatilho da arma. "Eu sou uma haenyeo", ela diz, e o encara. As palavras correm por seus lábios como uma confissão. "Como a minha mãe, e a sua mãe antes dela, como a minha irmã será um dia, e suas filhas também... Eu nunca fui nada além de uma mulher do mar. Nem você nem qualquer outro homem pode me transformar em menos do que isso. (Bracht, 2020, p.245)

As mulheres de *Herdeiras do Mar*, ainda que violentamente arrancadas de suas origens, não se limitam ao papel de vítimas: elas elaboram sentidos para sua dor, reinventam suas identidades e, em alguma medida, reescrevem a própria história. A literatura de Mary Lynn Bracht evidencia, assim, as múltiplas dimensões da migração feminina em contextos de guerra e colonialismo, reafirmando o protagonismo das mulheres mesmo em cenários de desumanização extrema.

As personagens femininas de *Herdeiras do Mar*, sequestradas e violentadas durante a infância em meio à ocupação japonesa, estabelecem um elo direto com Leticia e Anita, de *O vento sabe meu nome*. Ambas as obras abordam a migração forçada sob a perspectiva de meninas que são abruptamente arrancadas de suas famílias, privadas de proteção e lançadas a contextos hostis e desumanizantes. O corpo infantil feminino torna-se, nas duas narrativas, território de disputa política, onde se inscrevem o medo, o abandono e o apagamento institucional. No entanto, tanto Anita quanto as mulheres e meninas coreanas da obra de Bracht elaboram, mesmo em silêncio, formas de resistência, sobrevivência e reinvenção, recusando a passividade diante da violência. Essas personagens, ainda que marcadas pela dor precoce, são símbolos da potência que habita as infâncias migrantes, frequentemente ignoradas nas grandes narrativas históricas.

Em *No Seu Pescoço* (2017), a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie apresenta uma série de contos que exploram as complexas experiências de mulheres nigerianas em contextos de migração, deslocamento e reencontro com a própria identidade. O conto que dá nome à coletânea, narra a história de Akunna, uma jovem nigeriana recém-chegada aos Estados Unidos. A migração, nesse caso, apresenta-se como resposta à situação de precariedade socioeconômica da Nigéria. A escassez de oportunidades e a instabilidade vivida em seu país de origem impulsionam sua decisão de partir em busca de melhores condições de sobrevivência.

Entretanto, em território estadunidense, Akunna encontra-se diante de um processo de adaptação que vai além das barreiras linguísticas e culturais: ela precisa lidar com o racismo, o exotismo e os estereótipos que lhe são impostos como mulher negra e africana em um contexto ocidental. O deslocamento feito pela personagem não é apresentado como experiência de ascensão ou liberdade, mas como uma travessia marcada por silenciamentos e desconfortos sutis que se acumulam no corpo e na linguagem e que são traduzidos através da sensação de ter algo “no seu pescoço”, descrita na seguinte passagem: “À noite, algo se enroscava no seu pescoço, algo que por muito pouco não lhe sufocava antes de você cair no

sono [...]” (Adichie, 2017, p.113), que funciona como uma metáfora para o incômodo constante, a sensação de sufocamento social e cultural vivida pelas mulheres migrantes.

Observa-se que a autora não retrata a personagem como passiva frente às opressões que enfrenta. Ao contrário, o conto revela um processo silencioso, porém poderoso, de tomada de consciência, “Akunna se recusa a desfrutar a segurança de uma zona de conforto fundamentada em valores opressores. Ao se colocar em movimento, ela não toma o silêncio como proteção; ao contrário, transforma o silêncio em ação de resistência” (Cruz; Mota e Assunção, 2025, p.12). Nesse cenário, Adichie evidencia como a migração é também uma experiência emocional e subjetiva, na qual as protagonistas enfrentam o desafio de se reinventarem em territórios onde suas vozes são constantemente colocadas à margem. A sua recusa em se adaptar completamente ao novo ambiente representa uma forma de resistência simbólica, uma maneira de preservar sua identidade frente à pressão assimilacionista do contexto migratório.

Por meio deste e dos outros enredos que compõem a coletânea, Adichie constrói um mosaico de vivências femininas em trânsito, marcadas pela intersecção entre gênero, raça e cultura. A migração, nesses contos, não é representada apenas como deslocamento geográfico, mas como jornada interna de ressignificação e confronto com estruturas de poder. As personagens criadas por Adichie são mulheres que recusam a passividade; elas constroem estratégias para enfrentar as violências simbólicas e concretas do racismo, da xenofobia e do machismo. Assim, a coletânea denuncia os limites impostos às mulheres negras migrantes, bem como celebra sua capacidade de resistência, reinvenção e protagonismo.

As personagens migrantes nos contos de Adichie, especialmente Akunna, compartilham com as personagens de Allende o desafio de sobreviver em um território que insiste em apagá-las. Em *O vento sabe meu nome*, Allende constrói a imagem da criança migrante separada da mãe como símbolo da violência institucional que se abate sobre mulheres migrantes racializadas e pobres. Adichie, por sua vez, aprofunda esse sofrimento ao mostrar como o corpo feminino negro migrante é constantemente marginalizado e silenciado. Ambas recusam a figura da mulher migrante como mera vítima: suas protagonistas são introspectivas, observadoras, conscientes das violências que as cercam, mas também capazes de elaborar resistência a partir da dor e do silêncio.

Dessa forma, as narrativas analisadas evidenciam que a migração feminina, marcada pela urgência e pelo trauma, é também um espaço de resistência e de reconstrução subjetiva. Essa perspectiva global, no entanto, ganha novas dimensões quando observamos o fenômeno

no contexto latino-americano, onde memória coletiva, violência política e identidade cultural se entrelaçam de maneira singular.

3.2 Migração feminina na América hispanohablante

Se nas narrativas internacionais predomina a urgência do deslocamento e a denúncia das violências físicas e emocionais, na produção latino-americana a migração aparece frequentemente ligada à memória coletiva, à história política e à resistência cultural, trazendo novas camadas à experiência feminina. Desse modo, voltando o olhar para a América Hispanohablante, esta seção se dedica à análise de outras vozes latino-americanas, para além de Isabel Allende, que têm produzido obras potentes sobre os deslocamentos forçados, sobretudo no eixo Sul-Norte, com protagonismo de mulheres também latino-americanas. Essas autoras abordam a migração como deslocamento geográfico, e também processo atravessado por violências, tensões culturais e disputas identitárias. Assim como Min Jin Lee, Mary Lynn Bracht e Chimamanda Ngozi Adichie, elas denunciam as estruturas sociais que empurram mulheres para fora de seus territórios de origem, enquanto constroem personagens femininas que enfrentam, resistem e transformam essas experiências. Desse modo, a primeira obra analisada neste recorte é *Hot Sul* (2016), da escritora colombiana Laura Restrepo.

Em *Hot Sul*, Restrepo constrói uma narrativa que acompanha trajetórias femininas marcadas pela migração forçada através da história da colombiana María Paz, de sua mãe Bolívia e sua irmã Violeta, que migram para os Estados Unidos em busca de melhores condições de vida. O deslocamento das personagens é impulsionado por um contexto de desigualdade estrutural. A escassez de recursos, a responsabilidade sobre a família, a herança de exclusão e a aspiração à melhores condições de vida marcam profundamente a decisão de partir, como nos mostra a narrativa: “Cinco anos antes, Bolívia, minha mãe, havia partido para a América a fim de realizar seu sonho e conseguir dinheiro, porque não conseguia nos sustentar. Queria nos dar uma boa vida, isso dizia Bolívia, e a vida boa só estava lá, na América. [...]” (Restrepo, 2016, p.65). A obra evidencia como esses deslocamentos não são escolhas individuais, mas respostas às pressões sociais e econômicas que historicamente afetam mulheres latino-americanas, e acabam por impulsioná-las a deixarem seus países, muitas vezes de maneira involuntária.

Continuamente, Restrepo explora, através da experiência migratória de Bolívia, o desgaste silencioso das mulheres que sustentam famílias à distância e vivem na invisibilidade do trabalho precarizado, como ilustra a sua trajetória:

Em uma semana achou que estava morrendo, em quinze dias, ressuscitando; em um mês, voltou a desmaiar. Mas a recordação de suas duas filhas a mantinha em pé. Não aguentava mais, resolvia desistir, mas não desistia, devia suportar para trazer suas filhas o quanto antes, as traria, custasse o que custasse, mesmo que caísse morta às traria, e uma vez por mês, antes de voltar à noite ao seu quarto, dava uma passada pela Telecom Queens da Roosevelt Avenue, onde dúzias de colombianos faziam fila diante de cabines telefônicas a fim de ligar para sua pátria. (Restrepo, 2016, p.140)

Embora sua figura seja construída de forma fragmentada na memória da filha María Paz, ela emerge como símbolo da resistência silenciosa e cotidiana da mulher imigrante: “Era uma sobrevivente, era isso que Bolívia era, uma sobrevivente[...]” (Restrepo, 2016, p.134). Já María Paz, protagonista da narrativa, representa uma nova geração de mulheres que, mesmo diante da repetição do ciclo migratório, se recusa a aceitar passivamente os destinos impostos. Sua chegada à América revela uma continuidade das violências: a exploração econômica, o preconceito racial e de gênero, e a constante exposição ao risco tornam sua permanência no país tão hostil quanto a sua saída:

Antes de uma pessoa, esta segunda María Paz seria uma estrangeira, com as implicações de receio e rejeição que esta palavra contém; não à toa provém do latim extraneo, deserdado, ou extraneus, externo, da parte de fora, estranho, raro, que não é familiar. É uma foreigner, do latim foras, afora, de fora, alguém vindo de longe, do exterior. Ou forasteira, de foris, porta, entrada: alguém que permanece do outro lado da minha porta fechada, que não transpassa minha entrada. E forasteira do latim foresta, floresta, selva: alguém que vem da floresta, um ser selvagem, selvático, e, portanto, alheio à paz e à segurança de minha casa e do que é meu. (Restrepo, 2016, p.146)

O sonho que motivou sua partida revela-se, na verdade, uma nova forma de aprisionamento, uma condição de vulnerabilidade marcada por exclusão e desumanização:

É que minha mãe havia conseguido chegar à América, mas nunca conseguira entrar na América. Violeta e eu crescemos na América, mas também para nós era como se tivéssemos ficado na porta, sem conseguir pisar no hall enorme e iluminado que se abria uns passos mais além. Havíamos chegado, mas ainda não estávamos.[...] A América está escondida dentro da América, e, para penetrar nela, não basta o visto nem o cartão Visa, nem o green card nem o Master Card. Tudo isso ajuda, mas não é definitivo. (Restrepo, 2016, p.172)

Jaramillo (2016), destaca que embora situações como empregos ilegais, longas jornadas, salários baixos, falta de segurança, moradia precária, fome e solidão, sejam familiares aos imigrantes latinos, ainda assim geram gestos simbólicos de protesto e resistência por parte de Bolívia e posteriormente, María Paz. Tal alegação nos revela que as mulheres retratadas por Laura Restrepo constroem uma narrativa de resistência. Elas não se limitam à condição de vítimas: elas resistem, silenciosamente ou de forma explícita, às estruturas que tentam desumaniza-las. A figura de Bolívia, mãe imigrante, simboliza essa persistência. Sua jornada ecoa a de tantas outras mulheres que, mesmo anônimas, sustentam

famílias à distância, cruzam fronteiras sem garantias e enfrentam diariamente o peso do racismo, da xenofobia e do machismo:

O homem continuava perguntando isto e aquilo sem nenhuma comiseração, sem demonstrar simpatia, provavelmente o contrário, com a autossuficiência de quem se sente com o direito de pisotear por ter chegado antes, e ela ali, firme, sem se deixar intimidar, consciente de seu suéter esticado, de seu rosto bonito e da própria força interior. (Restrepo, 2016, p.163)

María Paz, por sua vez, reflete esse processo de subjetivação: mesmo atravessada pelo trauma e pelas violências, busca reconstituir sua história, resgatar sua dignidade e afirmar sua existência através da escrita:

O senhor disse que lamentava, com sentimento, como se sentisse de verdade. E depois, disse que podia nos oferecer um consolo, um único: a linguagem.[...] Meu interesse ao lhe escrever, mister Rose, é me desfazer de tudo o que sei, como quem se confessa. Uma confissão longa, longuíssima, que me traga o perdão e a calma, que seja como jogar baldes de água e desinfetante em toda a casa. (Restrepo, 2016, p.44- 46)

A obra de Restrepo oferece um retrato contundente da migração feminina latino-americana, centrado na experiência de Bolívia e María Paz, mulheres que, como Letícia, Marisol e Anita em *O vento sabe meu nome*, vivem o deslocamento como ruptura, perda e resistência. A ausência da mãe e a experiência de crescer entre fronteiras ressoam fortemente com a trajetória de Anita, revelando como a separação forçada entre mães e filhas é uma constante nas narrativas de mulheres migrantes. Ambas as autoras denunciam as violências do sistema migratório mas, acima de tudo, reafirmam o protagonismo dessas mulheres que, mesmo anônimas, sustentam-se com sua força silenciosa.

Outrossim, entre as obras que também problematizam os deslocamentos forçados de mulheres hispanohablantes, destaca-se o romance *Dominicana* (2019), da escritora americana, de ascendência dominicana, Angie Cruz, como mais uma narrativa que explora a migração feminina a partir de uma perspectiva atravessada por desigualdades de gênero, estruturas patriarcais e ausência de escolha. Inspirado na história real da mãe da autora, o romance acompanha a trajetória de Ana, uma jovem dominicana de apenas quinze anos, levada aos Estados Unidos em um casamento arranjado com um homem dominicano mais velho. Sob essa perspectiva, Francis (2010) observa que, ao retratar como agente de violência um homem dominicano residente em Nova York, e não uma figura estrangeira ou imperialista, Cruz desloca a crítica da narrativa, evidenciando a violência como uma realidade cotidiana à qual as mulheres dominicanas são historicamente submetidas. Dessa forma, a autora denuncia as estruturas patriarcais enraizadas na própria comunidade migrante, revelando como o controle sobre os corpos e destinos femininos se manifesta não apenas durante o processo migratório

ou no país de destino, mas já desde o país de origem.

A narrativa, conduzida pelo olhar introspectivo de Ana, revela os impactos da migração forçada sobre uma jovem mulher em processo de formação. Sua experiência nos Estados Unidos é marcada pelo isolamento, pela violência sexual e doméstica e pela impossibilidade de exercer autonomia. Cruz constrói, assim, um retrato sensível da condição de muitas mulheres migrantes que, ao cruzarem fronteiras, não escapam das opressões que as acompanharam, mas antes, veem-nas agravadas em novos contextos. Essa realidade é evidenciada na seguinte cena, em que Ana, vítima de estupro conjugal, expressa o desejo de retorno à sua vida anterior e o apagamento de sua subjetividade:

O choro vem mais rápido e mais forte. Não pode ser verdade. Eu tenho uma família. Eu tenho um lar. Esta é a sua casa. Eu e você somos uma família agora. Não entende? Ele aperta o volume contra as minhas costas. Eu choro. Ele me vira para que eu fique de frente para ele. Quero ir para casa. Por favor. Quero ir para casa, repito, com a voz mais baixa e quebrada. Foram seus pais que me ligaram para que eu pudesse te levar embora. Eu nunca vou te amar, eu digo. Jogo-me na cama e me enrolo o máximo possível. Não sinto mais meu corpo. Não estou mais no quarto. (Cruz, 2019, p. 46–47, tradução nossa)

Essa passagem, ao mesmo tempo em que denuncia a violência sexual, revela a solidão e o isolamento emocional que marcam a vida de Ana. A autora não a retrata apenas como vítima, mas como alguém que, mesmo em meio ao trauma, expressa resistência simbólica ao recusar o afeto do agressor.

Essa opressão atinge seu ápice em outros momentos do romance, quando a dependência econômica e afetiva alimenta a violência doméstica:

Quando Juan fica bravo, é como se minha dependência dele alimentasse a transformação em seu corpo de preocupação para raiva e fúria. As veias em seu pescoço incham, seus olhos se arregalam e ele grita. Você quer problemas para nós? [...] Juan me dá um tapa no rosto com tanta força que o sangue se acumula entre meus dentes. (Cruz, 2019, p. 69, tradução nossa).

Vê-se que “[...] a violência controla o corpo de Ana e o reescreve como a construção de um espaço diaspórico hostil e desumanizado que se projeta no espaço doméstico e no qual Ana, a partir de sua vulnerabilidade, desenvolverá progressivamente a resistência como forma de sobrevivência.” (Álvarez, 2023, p.172, tradução nossa). Ao incluir essas cenas de forma tão explícita, Cruz problematiza como a migração, em vez de oferecer liberdade ou autonomia, pode recriar cenários de controle e violência, ao mesmo tempo em que abre brechas para gestos de resistência que se manifestam em silêncio, pequenos deslocamentos e na recusa em aceitar passivamente a opressão.

Tal como ocorre com Bolívia e Maria Paz, em *Hot Sul*, o deslocamento de Ana não

configura uma ruptura voluntária com sua terra natal, mas uma imposição social e familiar que instrumentaliza seu corpo jovem em nome de um suposto futuro melhor projetado por outros. Entretanto, à semelhança das demais personagens analisadas neste capítulo, Ana não permanece inerte diante das violências que enfrenta. Através de pequenos gestos como ir à praia, estabelecer vínculos com outras mulheres, estudar inglês e interessar-se pela dança, ela constrói caminhos de resistência que lhe permitem imaginar outras possibilidades de existência. Sua trajetória se aproxima de personagens de Allende, como Anita, em *O vento sabe meu nome*, na medida em que ambas vivem o deslocamento ainda na juventude e precisam lidar com a ruptura de vínculos afetivos em contextos de exclusão e vulnerabilidade. Embora suas vozes sejam inicialmente silenciadas, ambas se afirmam como sujeitos capazes de narrar suas dores e elaborar estratégias de enfrentamento.

Desse modo, é possível constatar que a escrita de Angie Cruz, assim como a de Isabel Allende e as demais autoras trabalhadas neste capítulo, recorre à literatura como espaço de escuta e denúncia das múltiplas formas de violência que atravessam a vida das mulheres migrantes. Em *Dominicana*, a migração é também um processo interno, marcado pela negociação entre submissão e autonomia, silêncio e palavra, medo e desejo. Com isso, a autora inscreve sua obra no campo das narrativas transnacionais femininas que denunciam, mas também ressignificam, as experiências de exílio, ampliando o repertório de representações da migração forçada na América Latina e na diáspora caribenha.

Assim, na literatura latino-americana, a migração feminina surge como uma experiência atravessada por opressões estruturais e processos históricos de longa duração, mas também como espaço de reinvenção e pertencimento. Essa leitura cria um elo com a produção literária brasileira, onde a migração dialoga diretamente com as contradições sociais e culturais do país.

3.3 Migração feminina no Brasil

Ao deslocarmos o olhar para a produção brasileira, a migração feminina ganha contornos próprios, dialogando com questões de identidade nacional, desigualdade social e relações de gênero que marcam a história recente do país. Sob esse viés, após percorrer narrativas produzidas por autoras asiáticas, africanas e latino-americanas hispano-hablantes, que abordam os deslocamentos forçados de mulheres no eixo Sul-Norte, com foco na travessia das fronteiras continentais rumo aos Estados Unidos, o olhar agora se volta para o contexto brasileiro. A migração feminina no Brasil, embora marcada por especificidades históricas e sociais, também revela dinâmicas de exclusão, desigualdade e resistência que

atravessam os corpos e trajetórias de mulheres em movimento. Seja no deslocamento interno, do campo à cidade, do Norte e Nordeste rumo ao Sudeste, ou na migração internacional de brasileiras para outros países, essas experiências literárias refletem não apenas rupturas territoriais, mas também conflitos identitários, raciais e de gênero. Neste novo recorte, serão analisadas obras que, a partir da perspectiva brasileira, iluminam as complexidades da migração vivida por mulheres e a potência de suas vozes na ficção contemporânea.

Sob essa perspectiva, destaca-se que a literatura brasileira contemporânea tem se mostrado um espaço fértil para a problematização das experiências migratórias vividas por mulheres, especialmente no que se refere aos deslocamentos internos e às transformações subjetivas que tais movimentos provocam. Zolin (2018), observa que as autoras brasileiras vêm explorando os efeitos da migração na construção da identidade feminina, elaborando enredos atravessados por rupturas territoriais, afetivas e simbólicas. A partir de contextos diversos, essas escritoras narram as tensões entre origem e destino, pertencimento e desenraizamento, evidenciando que o corpo da mulher migrante se torna espaço de negociação entre opressão e reinvenção. Essa perspectiva permite refletir sobre como o deslocamento, mesmo quando não forçado por perseguições políticas ou conflitos armados, ainda assim impõe uma série de desafios específicos às mulheres, especialmente quando são atravessadas por marcadores de classe, raça e, pensando o contexto brasileiro, região. No interior desse debate, ganha relevância a produção de escritoras oriundas do Nordeste, que inscrevem na literatura as vozes de mulheres que se deslocam, muitas vezes, do sertão para os grandes centros urbanos do Sudeste.

Entre as vozes que tematizam a migração feminina no Brasil, Clarice Lispector oferece, em *A hora da estrela* (1977), um retrato delicado e brutal da mulher nordestina em trânsito, revelando como o deslocamento geográfico pode aprofundar silêncios e apagamentos. Embora não fosse nordestina de nascimento, Lispector viveu parte da infância e adolescência no Recife, experiência que lhe proporcionou certo contato com a cultura e a realidade social nordestina, o que pode ter influenciado o seu olhar para os atravessamentos de classe, gênero e origem regional na construção da narrativa. Por meio da personagem Macabéa, Lispector constrói uma das representações mais potentes da migração feminina no contexto brasileiro. Jovem alagoana que se desloca para o Rio de Janeiro após a morte da tia que a criava, Macabéa encarna a mulher migrante pobre, invisível e desprovida de perspectivas de ascensão social ou reconhecimento. Quanto à sua vida cotidiana, ela existe de forma automática, em um estado de limbo impessoal, “[...] sem alcançar o pior nem melhor [...]” (Lispector, 1977, p.32), traduzindo a invisibilidade e a passividade impostas pela

exclusão social. Eventualmente, pequenas memórias de sua terra natal emergem, como quando “[...] uma vez por outra tinha a sorte de ouvir de madrugada um galo cantar a vida e ela se lembrava nostálgica do sertão” (Lispector, 1977, p.39), evidenciando o contraste entre o espaço urbano hostil e as referências afetivas do sertão. Apesar da precariedade e do apagamento, Macabéa mantém uma tênue resistência subjetiva, imaginando que mesmo em meio às dificuldades, “[...] não queria ser privada de si, ela queria ser ela mesma [...]” (Lispector, 1977, p.40). Sua migração, marcada pela ausência de escolha e por condições estruturais adversas, revela que, para mulheres como ela, o deslocamento interno não representa oportunidade, mas continuidade de exclusão, como visualizamos na passagem:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiram como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (Lispector, 1977, p.24)

Lispector, com sua escrita introspectiva e fragmentada, expõe com sensibilidade e cruzeza os silêncios e apagamentos que marcam a experiência da migração feminina no Brasil.

A produção brasileira, representada pela obra de Clarice Lispector, revela, portanto, a complexidade da migração feminina ao articular desigualdades sociais, identidades nacionais e experiências afetivas. Esse conjunto de elementos encontra ressonância e especificidade na literatura cearense, onde vozes femininas dialogam com a tradição oral e com as transformações contemporâneas.

Por fim, ao chegar ao contexto cearense, a experiência migratória revela vozes femininas que, a partir da literatura regional e do cordel, articulam deslocamento, pertencimento e resistência em diálogo com tradições locais e com as transformações sociais contemporâneas. De forma complementar, outras autoras exploram a migração feminina a partir de perspectivas diferentes, enfatizando memória, pertencimento e identidade. É o caso de Dalinha Catunda, cordelista cearense radicada no Rio de Janeiro, cuja obra articula essas dimensões por meio da poesia em cordel. Dalinha, migra para o Rio de Janeiro após a descoberta de uma gravidez inesperada e a rejeição de sua família e da sociedade como um todo. Ainda no que se refere à autora, Oliveira e Soares (2016) destacam que:

a presença da poetisa no cordel brasileiro, para além de se afirmar enquanto nordestina, dentro de um cenário altamente xenofóbico, excludente e machista, mostra o lugar das mulheres letradas, mulheres que desde cedo, ou não, aprenderam a potência da poesia e, por meio dessa, propuseram-se a registrar o seu cotidiano e as suas vivências. Ela nos afirma que um dos fatores de entrar na poesia do cordel foi o

direito de ocupar esse espaço oferecendo um olhar feminino e novos temas. (Oliveira e Soares, 2016, p.12)

Oliveira e Soares (2016) seguem, afirmando:

[...]a opressão sofrida pela autora no contexto de sua migração não é mero acaso, ou somente específica dos costumes de sua região. Por outro lado, faz parte das relações assimétricas estabelecidas entre homens e mulheres no contexto mais amplo do sistema patriarcal. (Oliveira e Soares, 2016, p.17)

A escrita de Dalinha é a forma que a autora encontra de manter regadas suas raízes, lidar com a saudade e resistir diante do novo e das dificuldades que enfrenta. Esse vínculo com o sertão e a experiência migratória se expressa nos versos:

Nas terras alencarianas
Eu nasci e me criei
Não foi por causa da seca
Que de lá eu desertei
Parti para me libertar
E aprender a voar
Migrante assim me tornei (Catunda, 2016)

A autora reforça uma conexão afetiva e simbólica com sua terra natal, mostrando que, mesmo vivendo entre dois espaços, o sertão permanece como referência central de sua identidade:

Sou ave de ribançã
Não esqueci o roteiro
Vivo entre o Ceará
E o Rio de Janeiro
Tatuei no coração
O retrato do sertão
O meu reino verdadeiro (Catunda, 2016)

Assim, sua obra evidencia que a migração feminina pode se manifestar de múltiplas formas, ora marcada pela vulnerabilidade e pelo apagamento, como em *Lispector*, ora pela resistência cultural e reafirmação da identidade, como em Dalinha.

Seguindo a exploração da migração feminina no contexto brasileiro, a autora, também cearense, Tuyra Andrade, em *A Boca do Peixe* (2024), apresenta uma abordagem autoficcional, não convencional, que reinventa a linguagem e propicia uma experiência sensível da construção e reconstrução da identidade da mulher migrante. Assim como *Lispector* e Catunda, Andrade centra sua narrativa na vivência subjetiva do deslocamento, mas o faz por meio de uma escrita inventiva e fragmentada, seguindo um fluxo de consciência no qual memória, saudade e adaptação se entrelaçam. A autora reflete, em seus escritos, sobre diversas questões que permeiam a mulher em movimento, dentre elas a tensão entre pertencimento e perda: “Imagina quantas histórias ainda vou lembrar para não esquecer de

mim? Ou será que estarei sempre me despedindo daquilo que já não sou e desejando quase em lamento um lugar a que nunca se chega (ou para onde nunca se volta)?" (Andrade, 2024, p.30). Tal trecho nos revela como a migração feminina envolve não apenas o deslocamento físico, mas também o esforço constante de se manter conectada a si mesma em meio às transformações.

Ademais, Andrade aborda ainda as dificuldades práticas e afetivas da migração, ao narrar:

Para chegar minha vez de ir embora, não por escolha, foi um pulo. Meia vida de olho nos feriados e um eterno estranhamento com escada rolante, elevador e cinema. Engraçado que, quando vi aquele filme 'O Céu de Suely' fiquei toda coisada. Em alguma medida, a Hermila era a Susu, não apenas pelo céu, pelo chão ou pelas duas mechinhas loiras no cabelo. Mas pela busca insistente do que se pode viver depois de onde começa a saudade. Eu e minhas irmãs fomos embora e ficou o aviso de que o mundo ia mudar de tamanho (Andrade, 2024, p.58).

Nessa passagem, nos é revelado como a migração feminina exige adaptações culturais, afetivas e sociais, que afetam diretamente a rotina e a percepção do mundo dessas mulheres, ao mesmo tempo em que remete à experiência universal da saudade e do recomeço.

A sensação de liminaridade e pertencimento dividido é sintetizada em uma das frases mais marcantes de sua obra: "De cá demais pra ser de lá, muito de lá pra ser daqui" (Andrade, 2024, p.73), demonstrando a condição de deslocamento permanente das mulheres migrantes, que transitam entre espaços físicos e culturais sem jamais se sentir completamente em casa.

Ao articular essa leitura com as obras de Lispector e Dalinha, observa-se a diversidade de abordagens da migração feminina no Brasil: enquanto Lispector evidencia a vulnerabilidade e o apagamento de Macabéa, Dalinha mostra a resistência cultural e a manutenção das raízes, e Andrade ilumina a dimensão subjetiva e afetiva da migração, destacando como memória, saudade e linguagem constroem novas formas de identidade e pertencimento.

Com as narrativas cearenses, o percurso analítico se encerra revelando que, embora a migração feminina seja marcada por perdas, rupturas e violências, ela também inaugura espaços de resistência e reinvenção identitária. Assim como nas obras de Isabel Allende, o deslocamento não se restringe a um movimento geográfico, mas constitui uma experiência profundamente subjetiva, atravessada pela memória, pela dor do exílio e pela necessidade de reconstrução de pertencimentos. A partir do diálogo entre o global, o nacional e o regional, o capítulo demonstra como a literatura escrita por mulheres transforma experiências de deslocamento em enunciados de memória, denúncia e criação de novos pertencimentos, entrelaçados a uma geografia e história bem próprias.

Em síntese, este capítulo evidenciou que a literatura escrita por mulheres transforma a migração em território de memória, denúncia e criação de novos pertencimentos. Ao comparar narrativas internacionais, latino-americanas, brasileiras e cearenses, observou-se que, embora os contextos variem, permanecem constantes a violência estrutural, a perda de vínculos e a busca por identidade e autonomia. No entanto, longe de retratar personagens como vítimas silenciosas, as personagens analisadas as apresentam como sujeitos de resistência e reinvenção.

A contribuição deste capítulo, portanto, está em mostrar como a literatura não apenas registra deslocamentos, mas os ressignifica, revelando as experiências migratórias como processos históricos, espaciais, afetivos e políticos. Ao integrar diferentes perspectivas geográficas e teóricas, da interseccionalidade à transnacionalidade, a análise demonstra que a migração feminina produz narrativas que desestabilizam fronteiras físicas e simbólicas, questionando as categorias de nação, gênero e identidade.

Essa leitura crítica prepara o terreno para o próximo capítulo, que se concentrará em *O vento sabe meu nome*, de Isabel Allende, explorando de forma aprofundada como a autora articula memória, migração e reconstrução subjetiva em sua obra.

4 AS TRAJETÓRIAS FEMININAS EM *O VENTO SABE MEU NOME*

A produção literária de Isabel Allende, marcada por deslocamentos, perdas e reconstruções, oferece um olhar singular sobre as migrações femininas na América Latina. Em suas narrativas, o exílio deixa de ser apenas um fenômeno histórico ou político e passa a configurar uma experiência sensível, vivida sobretudo no corpo das mulheres. O romance *O vento sabe meu nome* (2023) insere-se nesse eixo temático ao articular trajetórias atravessadas pela violência, pela maternidade interrompida e pela busca de pertencimento. Ao narrar as histórias de Leticia, Marisol e Anita, Allende cria uma geografia literária em que o espaço, o gênero e o corpo tornam-se dimensões interdependentes da existência.

Neste capítulo, analisa-se como a autora chilena reinscreve a migração feminina como um campo de vulnerabilidade e resistência, no qual o ato de deslocar-se é também um gesto de sobrevivência e de (re)construção identitária. Para isso, parte-se de uma breve contextualização da trajetória de Isabel Allende e de sua inserção no cenário literário latino-americano, seguida pela análise do romance e das personagens, culminando na discussão sobre o corpo como território simbólico e político. Desse modo, o romance se abre como um espaço de múltiplas leituras, onde a migração, o corpo e o gênero se entrelaçam em experiências que convidam à reflexão sobre o que significa atravessar e permanecer.

4.1 Isabel Allende e as geografias das migrações femininas

Isabel Allende nasceu em 1942, em Lima, no Peru, durante o período em que seu pai exercia funções diplomáticas. No entanto, foi no Chile que passou grande parte da infância e juventude. Filha de Tomás Allende, primo-irmão do presidente Salvador Allende, e de Francisca Llona, a autora cresceu em um ambiente profundamente ligado à política e à vida intelectual latino-americana. Testemunhou eventos que marcaram não apenas a história política da América Latina, mas também sua trajetória pessoal, entre os quais se destaca o golpe militar de 1973, que resultou na morte de seu tio e na instauração de uma ditadura no Chile. Diante dessa conjuntura, Allende foi forçada a deixar o país, vivendo em exílio na Venezuela por mais de uma década antes de se estabelecer nos Estados Unidos. Essa experiência exílica tornaria-se uma das forças motrizes de sua escrita e o eixo simbólico de sua identidade literária.

Vale destacar que, como ela aponta em *Mulheres de Minha Alma* (2020), o feminismo e as pautas de gênero sempre fizeram parte de sua trajetória, tanto pessoal quanto literária. Isso se evidencia em sua atuação como jornalista, quando seus primeiros escritos foram direcionados ao público feminino na revista *Paula*. Sobre esse período, Allende relembra:

“Começamos a publicar artigos e entrevistas sobre temas de que ninguém havia falado publicamente no Chile, como aborto, infidelidade, adultério, prostituição, drogas; coisas que eram tabus” (Allende, 2018).

É ainda em exílio na Venezuela que Isabel Allende inicia sua trajetória literária, com a publicação de seu primeiro romance, *A Casa dos Espíritos* (1982). Esta obra inaugural consagrou Allende como uma das maiores vozes da literatura latino-americana, sendo uma das primeiras mulheres a alcançar destaque equivalente ao dos escritores do mesmo período. No entanto, essa ascensão foi acompanhada de críticas relacionadas ao estilo considerado popular, por não apresentar uma elaboração formal complexa (Araújo, 2018). A própria autora reconhece que o reconhecimento no campo literário foi atravessado por desigualdades de gênero:

“Quando eu comecei a escrever, há quase 40 anos, minha agente, Carmen Balcells, me disse que, por ser mulher, ia me custar o dobro do esforço exigido de qualquer homem obter a metade do reconhecimento. Ela me disse também que a crítica seria muito dura comigo ou simplesmente ia me ignorar, e que meus colegas não me perdoariam se eu tivesse êxito” (Allende, 2018).

A trajetória migratória de Isabel Allende não se restringe a um episódio biográfico; ela constitui o alicerce de sua visão de mundo. Desde *A Casa dos Espíritos* (1982) até *Meu Nome é Emilia del Valle* (2025), sua obra revela uma constante preocupação em compreender as consequências humanas do exílio, da violência e da desigualdade. Os deslocamentos são tratados ora de forma simbólica, como metáforas para o estar entre mundos, memórias e identidades sem pertencer totalmente a um lugar, ora de forma concreta, refletindo trajetórias espaciais efetivas. Em entrevistas recentes, a autora se autodenomina “uma eterna migrante” (Allende, 2023). Adicionalmente, ao abordar o protagonismo feminino, afirmou: “Não conheço nenhuma mulher fraca. Quando me perguntam de onde elas vêm, penso: elas estão em todos os lugares. Na minha fundação, vejo diariamente mulheres que, nos momentos mais difíceis, sustentam a vida sem glória nem dinheiro. Elas inspiram meus livros” (Allende, 2025).

A escrita de Allende surge como extensão de sua própria experiência de exílio e de seu engajamento com pautas feministas, como sintetiza a Figura 4. Ao transformar memórias íntimas e coletivas em literatura, ela faz da narrativa um modo de habitar lugares perdidos. Essa dimensão é perceptível em obras como *A Ilha Sob o Mar* (2009), *Muito Além do Inverno* (2017) e *Longa Pétala de Mar* (2019), nas quais a autora reconstrói a dor da separação e o desejo de pertencimento. O exílio, em sua obra, não é apenas geográfico, mas também político e afetivo. As protagonistas atravessam fronteiras físicas e simbólicas, enfrentando

desigualdade, violência e patriarcado, mas afirmando uma subjetividade feminina que resiste e se reconfigura. Dessa forma, Allende inscreve na literatura latino-americana uma *geografia das migrações femininas* que é simultaneamente física e emocional.

Figura 4 - Autora Isabel Allende e obras que abordam migração e gênero



Fonte: Elaboração da autora (2025), a partir de imagens disponíveis na internet.

Essa relação entre espaço, deslocamento e subjetividade aproxima a obra de Allende dos fundamentos da Geografia Literária, campo que, segundo Collot (2012) e Cavalcante (2019; 2020), busca compreender as conexões entre o espaço, a palavra e a experiência humana. A autora chilena elabora uma geografia simbólica alimentada pelas experiências de exílio e pertencimento. Nesse sentido, Allende desloca o olhar geográfico tradicional e o transforma em experiência sensível: seus lugares narrativos são habitados por memórias, silêncios e cicatrizes, e cada migração é também uma reconstrução dos sujeitos migrantes.

Na mesma direção, a condição migrante da autora dialoga com as reflexões da Geografia Humanista, representada por autores como Tuan (2012) e Relph (1979), que compreendem o espaço como dimensão da experiência vivida. Em Allende, o território nunca é neutro; ele é atravessado por afetos, violências e desigualdades. As personagens femininas constroem uma geografia em que corpo e lugar são indissociáveis. A mulher migrante torna-se, assim, metáfora do próprio ato de escrever: deslocar-se, reconstruir-se, inscrever-se

novamente no mundo. Essa leitura encontra eco nas formulações de Massey (1994), para quem o espaço é produto de relações em constante movimento. Em diálogo com essa perspectiva, a obra evidencia como relações de gênero, classe e origem configuram espacialidades desiguais, mas também como as mulheres reinventam o espaço por meio da resistência e da solidariedade.

Isabel Allende transforma a dor do exílio em criação. Sua escrita, marcada por sensibilidade geográfica e existencial, revela que migrar é ao mesmo tempo perder e reconstruir. Nesse processo, o espaço deixa de ser apenas uma coordenada física e torna-se campo de afetos e lutas, onde as mulheres reafirmam presença e agência. Allende oferece uma visão do mundo em que a migração feminina é tanto trauma quanto potência, expondo fragilidade e capacidade infinita de resistência. Essa perspectiva se concretiza de modo singular em *O Vento Sabe Meu Nome* (2023), obra em que a autora revisita o deslocamento forçado e a maternidade interrompida, mostrando como a experiência migratória, especialmente atravessando o corpo feminino, transforma-se em espaço de memória, resistência e esperança. Nesse sentido, sua própria trajetória como mulher e escritora simboliza o percurso de muitas de suas personagens: atravessar fronteiras, desafiar desigualdades e afirmar a voz feminina em meio às adversidades. Como ela mesma reconhece, “[...] custou-me obter respeito, mas nessa trajetória não estou sozinha. Cada vez há mais mulheres escritoras publicadas e suas vozes não podem ser silenciadas” (Allende, 2020).

4.2 Mulheres em travessia em *O Vento Sabe Meu Nome*

Em *O Vento Sabe Meu Nome* (2023), Isabel Allende retoma um de seus temas mais recorrentes: o deslocamento forçado, agora sob o prisma da migração feminina e infantil no contexto contemporâneo. A narrativa entrelaça histórias marcadas pela perda, pelo exílio e pela busca de pertencimento, conduzindo o leitor por diferentes tempos e espaços, de um passado recente às fronteiras atuais entre América Latina e Estados Unidos. Embora a autora articule diversos núcleos narrativos, é nas trajetórias de Leticia, Anita e Marisol, mãe de Anita, que se revela o cerne emocional e político da obra: a experiência de mulheres cujos corpos e afetos são atravessados pela violência e pela urgência das migrações forçadas.

Allende constrói uma narrativa sensível e multifacetada, na qual o deslocamento não é apenas um evento externo, mas uma condição interior. As personagens femininas vivem a migração como ferida e como gesto de sobrevivência. Leticia, por exemplo, carrega em sua memória a travessia de El Salvador rumo aos Estados Unidos, pela esperança de um futuro melhor, como se percebe na passagem: “Entrara nos Estados Unidos cruzando a nado o rio

Grande, agarrada ao pai, Edgar Cordero. Isso tinha sido no começo de janeiro de 1982, vinte e quatro dias depois do massacre de El Mozote”(Allende, 2023, p.49). Já Marisol empreende sua jornada para proteger-se e, acima de tudo, proteger a filha, Anita. Após sofrer uma tentativa de feminicídio, motivada por um homem que representa a violência patriarcal de seu contexto, Marisol decide fugir de seu país em busca de refúgio. Sua travessia é impulsionada por medo e coragem: ao perceber que a própria vida e a de Anita estão em risco, transforma o instinto materno em resistência e fuga o que visualizamos através da seguinte passagem:

As ameaças subiram de tom, ele controlava e espionava Marisol, fazia cenas de ciúmes como se eles fossem um casal.
— E ela?
— Ela evitava como podia aquele maldito! Não queria nem ver aquele homem! — explodiu a avó. — E assim prosseguiu a coisa até lhe dar um tiro, e por pouco ela não morre. Por isso teve de ir embora. O que mais ela podia fazer? Eu não queria que levasse a minha neta, mas a Marisol não podia deixá-la aqui à mercê de Gómez, não é verdade? (Allende, 2023, p.128-129).

Nessa ótica, os deslocamentos passam a ser vistos como formas de sobrevivência, constituindo alternativas às quais as mulheres recorrem, tanto de modo individual quanto coletivo, em prol de suas famílias. Esse movimento reflete a chamada *feminização da pobreza*, discutida por Duarte e Cunha (2014), e também as formas de resistência e busca por dignidade observadas nos estudos de Botega (2016). As narrativas de Leticia, Marisol e Anita exemplificam essas dimensões, evidenciando que, para muitas mulheres latino-americanas, migrar é também um ato de autopreservação.

A força narrativa de *O Vento Sabe Meu Nome* reside na maneira como Allende articula o drama individual dessas personagens a um contexto histórico mais amplo. O romance denuncia as fronteiras que ferem, as políticas que desumanizam e as estruturas que transformam o refúgio em prisão. Essa dimensão aparece no seguinte recorte:

Ela lhe descreveu a situação da qual estavam fugindo. A maioria provinha da Guatemala, El Salvador e Honduras, o infame Triângulo Norte, uma das regiões mais perigosas do mundo, onde a pobreza mata devagar, a violência doméstica mata as mulheres, as quadrilhas, os narcotraficantes e o crime organizado matam com violência e os governos corruptos matam com impunidade. Não era estranho que alguns refugiados preferissem não voltar a ver os filhos em vez de recebê-los de volta, porque por algum motivo tinham fugido. Acreditavam que, por mais dura que fosse a burocracia americana, era melhor que o terror em seu país.(Allende, 2023, p.81)

Entretanto, mais do que expor a dor, a autora revela a resistência das mulheres que, mesmo diante da perda e da precariedade, encontram formas de reconstruir-se. Como observa Massey (1994), o espaço é sempre produto de relações em movimento e, na escrita de Allende, essas relações são reconfiguradas pela experiência feminina de atravessar o mundo. As mulheres de

sua narrativa não são meras vítimas da história: são agentes de transformação, que tecem novos modos de habitar o espaço através do afeto, da memória e do cuidado.

Desse modo, Leticia simboliza o elo entre o passado e o presente, representando uma geração de migrantes que sobreviveu à travessia e se reinventou em território estrangeiro, como observamos no trecho:

Leticia Cordero tinha cidadania e passaporte dos Estados Unidos, mas, vendo-a, qualquer um adivinhava que ela provinha de outro lugar; era cor de doce de leite, tinha cabelos pretos, presos num pequeno rabo de cavalo. Às vezes lhe perguntavam se pertencia a alguma tribo norte-americana, porque falava inglês sem sotaque. Não lhe sobraram raízes em outra terra, as que tinha estavam plantadas na Califórnia. (Allende, 2023, p.49)

Sua trajetória é marcada pela persistência, elemento que a autora apresenta como forma de resistência silenciosa diante das adversidades. Como muitas mulheres latino-americanas, Leticia constrói uma vida entre o trabalho exaustivo, o desejo de estabilidade e o sentimento permanente de deslocamento. Seu corpo, envelhecido e resistente, guarda a história de um povo que carrega o exílio como herança. O cotidiano de Leticia é, dessa forma, um testemunho de luta e dignidade, revelando o modo como as mulheres pobres sustentam, com esforço invisível, a estrutura das famílias e das comunidades migrantes, como vemos:

Leticia não tinha visto a filha e a neta pessoalmente, apenas no FaceTime a cada dois ou três dias, e perdera a freguesia, mas com o que ganhava de Mister Bogart podia pagar as contas, cobrir gastos pessoais, que eram poucos, e ajudar a filha. Quando se comparava com outras pessoas, sentia-se afortunada. (Allende, 2023, p.156)

Em contraponto, Marisol representa o deslocamento recente e urgente: a mulher que migra para a sobrevivência. Ao decidir partir, seu gesto é duplamente político e afetivo: rompe com a lógica da submissão e afirma o direito à vida. Fugir, nesse contexto, é resistir a um sistema patriarcal que perpetua a violência e o silenciamento das mulheres, revelando aqui uma face dos movimentos migratórios que é também emancipadora, humanizadora como sugere Botega (2016), o que é possível visualizar no seguinte trecho:

— A Marisol tinha razão para temer pela Anita — comentou. — Aquele homem tem má índole, é um demônio. Tem a quem puxar, filho de peixe, peixinho é. O pai dele é militar, já está velho e reformado, mas todos sabem que ele comandava a tropa em El Mozote. Sabem que lá queimaram gente viva? Até as crianças, imagine. Aquele psicopata nunca teve de pagar por aqueles crimes, e Carlos Gómez também não pagou pelos seus. (Allende, 2023, p.134)

Contudo, o sistema migratório, hostil e burocrático, transforma o gesto de cuidado em tragédia. Marisol é detida e separada da filha na fronteira, experiência que remete à crítica social que perpassa toda a obra de Allende: o questionamento das políticas de fronteira e das hierarquias que desumanizam os corpos racializados e femininos. A separação entre mãe e

filha transcende o plano individual e torna-se símbolo da violência estrutural que marca a contemporaneidade:

— Marisol foi conduzida com algemas nos pés e nas mãos para ser interrogada por um oficial de asilo e, quando a levaram de volta à cela, Anita já não estava. Não voltou a vê-la. Como ocorre com tantas outras mães, não lhe permitiram despedir-se da filha — explicou Selenia. [...] Um repórter descreveu um desses centros como uma cena caótica de sujeira e doença, as crianças estavam imundas, muitas com gripe, não tinham acesso a roupa limpa, cama, banheiro, sabão ou escova de dentes. Dava para sentir o mau cheiro de fora. Suponho que por isso agora não deixam a imprensa entrar. Mas você não vai ver nada disso aqui, este é adequado — disse. (Allende, 2023, p.79-80)

Anita, por sua vez, representa a infância migrante, silenciosa e atravessada pela perda. Privada da presença materna, ela cresce em um espaço de não pertencimento, entre o passado e o presente que não compreende inteiramente. Allende descreve a personagem com delicadeza, revelando a forma como a ausência e o trauma se inscrevem no corpo e na linguagem. Em muitos momentos, Anita se refugia na imaginação para suportar o vazio da separação:

Já te falei de Azababar, o reino encantado, onde eu e você somos princesas, a mamãe é rainha e a Tita Edu é a fada madrinha. Não é o céu, é melhor que o céu, porque não precisa morrer pra ir lá. Esse lugar não tem santos nem mártires, só Nossa Senhora da Paz, que é a única que manda. Tem gente viva daquela estrela e visitantes de outros planetas e bichos de todos os tipos, alguns nós conhecemos e outros não existem aqui na Terra. Claro, tem muitos anjos da guarda e anjinhas, porque eles vêm de lá, aquele é o país deles. Tem algumas crianças mortas, mas não são muitas, e não se nota, porque é como se estivessem vivas. Azababar fica numa estrela lá longe. Esta noite, quando ficar escuro e todos estiverem dormindo, vamos para o pátio ver a estrela mais brilhante de todas, aquela é Azababar. (Allende, 2023, p.89)

É nesse ponto que ecoa o realismo fantástico, marca recorrente das obras de Allende. Essa estratégia de sobrevivência evidencia a dimensão subjetiva da migração, que como apontam Marandola Jr. e Dal Gallo (2010) não se reduz ao deslocamento físico, mas envolve a (re)construção simbólica de si. Nesse sentido, o olhar infantil de Anita funciona como um espelho da própria condição migrante: viver entre mundos, habitar o intervalo entre o que se perde e o que se deseja (re)encontrar. Ademais, reitera-se que, o amor materno revela-se como uma forma de resistência que atravessa fronteiras. Marisol, ainda distante, persiste como força invisível que guia o destino da filha; e Anita, mesmo em silêncio, carrega em si a memória desse vínculo como vemos no seguinte trecho: “A mamãe ia ficar muito triste se soubesse que nós choramos e não queremos comer. A gente prometeu que ia ser valente” (Allende, 2023, p.89).

O romance evidencia, assim, que a migração feminina, nas obras de Allende, está sempre associada ao corpo e à memória. A travessia das fronteiras é também uma travessia interior: é o corpo que sente o medo, que carrega o cansaço, que acolhe a esperança. Desse modo, o corpo feminino torna-se o primeiro território de fronteira, onde se inscrevem as violências, mas também as resistências do deslocamento. Ao narrar a experiência de Leticia, Marisol e Anita, a autora faz emergir uma geografia sensível da migração, na qual o território é habitado por emoções, afetos e marcas. Essa dimensão existencial aproxima sua escrita das reflexões humanistas, especialmente das formulações de Tuan (2012), que entende o espaço como campo de experiência e significação. As personagens de *O Vento Sabe Meu Nome* se deslocam sobre o mapa, bem como recriam o espaço ao atribuir-lhe novos sentidos.

A migração das personagens de Allende não é, portanto, representada como um evento isolado, mas como um processo contínuo que atravessa gerações. Leticia, Anita e Marisol, separadas pelo tempo, compartilham o mesmo destino de deslocamento e reconstrução. Todas elas são portadoras de uma memória que se renova a cada travessia. O romance evidencia que, para as mulheres, migrar é também herdar, não apenas as dores e as perdas, mas as forças e os afetos transmitidos de geração para geração. Ao dar voz a essas personagens, Isabel Allende constrói uma narrativa que articula a dimensão individual da experiência feminina à escala coletiva da história latino-americana, revelando que cada corpo migrante carrega em si a geografia em movimento de um continente.

4.3 Vulnerabilidades e resistências de mulheres que migram em *O Vento Sabe Meu Nome*

As experiências de travessia analisadas anteriormente revelam que, em *O Vento Sabe Meu Nome*, o ato de migrar ultrapassa a dimensão física do deslocamento e torna-se um processo de sobrevivência e reconstrução. No entanto, atravessar também significa expor-se às fronteiras, à perda, ao medo e às violências que atingem sobretudo as mulheres e as crianças. É nesse espaço limiar entre o desamparo e a esperança que se inscrevem as noções de vulnerabilidade e resistência, aspectos que se entrelaçam nas trajetórias de Leticia, Marisol e Anita.

Doreen Massey (1991, 1994, 1999) propõe compreender o espaço como um campo de relações sociais em permanente disputa, resultado das interações desiguais que envolvem classe, gênero e raça. Em sua formulação, o conceito de *geometria do poder* revela como as estruturas espaciais refletem e reproduzem hierarquias, determinando quem pode mover-se, permanecer ou ser reconhecido. Nesse cenário, o gênero é um dos fatores que condiciona essa

mobilidade, seja impedindo o movimento propriamente dito, seja impactando diretamente na experiência de deslocamento, como nos revela Gebara (apud Lisboa, 2006):

[...] os homens quando saem de casa em busca de sua liberdade, o fazem de cabeça erguida, saem como conquistadores ou heróis se aventurando pelo mundo. As mulheres, entretanto, vivem situações muito diferentes: saem na calada da noite, envergonhadas, amedrontadas e outras vezes oprimidas pelo peso da culpa das transgressões às leis familiares e sociais (Gebara apud Lisboa, 2006, p.160)

Essa realidade dialoga diretamente com as personagens de Allende, mulheres e crianças que têm seus deslocamentos marcados pela urgência, pelo medo e pela violência, como nos evidencia o trecho:

— Ela conseguiu atravessar a Guatemala e o México sem ajuda — disse Selena.
— As mulheres correm muito perigo, são estupradas, raptadas, mortas. Ninguém investiga, são descartáveis. Eu avisei minha irmã.
— A intenção dela era apresentar-se e pedir asilo num posto de fronteira, mas foi impedida antes de pisar nos Estados Unidos. É o que fazem com todos agora. Por isso ela cruzou ilegalmente pelo deserto — explicou Selena. (Allende, 2023, p.140)

Suas personagens são atravessadas pela pobreza, pela opressão e pela exclusão, condições que revelam como o gênero constitui um dos principais marcadores da vulnerabilidade nas migrações contemporâneas, como discute Hillesheim (2019), quando profere que a sobreposição das categorias “mulher” e “migrante”, produzem um quadro de dupla exclusão que condiciona a vivência dessas mulheres desde o país de origem e se intensifica nas fronteiras, acompanhando-as até o país de destino. Trata-se de uma vulnerabilidade socialmente construída, enraizada em estruturas patriarcais e coloniais que definem quem pode mover-se, falar e sobreviver, uma *geometria do poder patriarcal*.

Sob essa perspectiva, no romance, o espaço não é neutro, mas o lugar onde se inscrevem as marcas da violência e, paradoxalmente, os gestos de resistência. A autora mostra que migrar, para as mulheres, é também enfrentar as forças que limitam sua autonomia e desafiar a precariedade que as cerca. A vulnerabilidade das personagens manifesta-se tanto nas condições materiais da travessia quanto nas perdas simbólicas: a separação, o medo, o sentimento de não pertencimento:

— Estamos sabendo que você fez uma viagem muito difícil com sua mãe, que durou mais ou menos um mês, e em alguns lugares vocês iam montadas no teto de trens de carga — disse Frank.
— É, com outras pessoas. Eu era a mais pequeninha.
— Você sabe por que fizeram essa viagem?
— Porque um homem ia matar a minha mãe. Ele deu um tiro nela. (Allende, 2023, p.84)

E segue em outra passagem:

Lá em El Salvador a gente estava bem até aparecer aquele Carlos e a mamãe ficar com medo. Eu também quero voltar para a casa da Tita Edu, quero que tudo seja como antes, não quero ficar com pessoas que não conhecemos e que nem sequer falam com a gente, mas não podemos ter tudo o que queremos nesta vida. (Allende, 2023, p.88)

Contudo, mesmo nesse contexto de desamparo, Allende revela a capacidade de resistência que surge dos afetos, da memória e do cuidado, transformando o cotidiano em espaço de luta silenciosa:

Quando você tiver vontade de chorar, Claudia, precisa fazer que nem eu, precisa pensar em coisas bonitas, na mamãe quando estava contente e dormíamos juntas, na Tita Edu com os cachorros e passarinho, na escola onde você pintava com os dedos, em pular corda, brincar de roda, nas festas da rua, com todos os vizinhos, balões e bombinhas, e nos piqueniques na praia. (Allende, 2023, p.88)

Anita, assim como Marisol e Letícia, ao se inserirem nesse contexto de dupla vulnerabilidade, conforme Hillesheim (2019), são afetadas por aquilo que Spivak (2018) denomina como *violência epistêmica*, entendida como uma opressão advinda do silenciamento, do emudecimento, que pode ocorrer em diferentes níveis, produzindo o que a autora define como subalternidade de classe, gênero e raça. Essa evocação de lembranças funciona, sob essa perspectiva, como ato de resistência simbólica.

Ao transformar a memória em abrigo, Anita ressignifica a dor e encontra uma forma de se sustentar em meio à perda. O ato de imaginar e recordar não apenas suaviza a experiência da vulnerabilidade, mas também a subverte: é o modo pelo qual a infância, o afeto e a imaginação desafiam a brutalidade do exílio. Allende, ao narrar essas cenas, desloca o olhar da migração como tragédia coletiva para o interior das experiências humanas, revelando que “[...] o espaço não é somente percebido, sentido ou representado, mas também vivido. As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências” (Kozel, 2007, p.117). Entretanto, a vulnerabilidade não se manifesta apenas nas relações sociais e espaciais, mas também se inscreve nos corpos femininos. O corpo, atravessado pela violência e pela memória, torna-se um território político e simbólico, o primeiro espaço de resistência.

A antropóloga argentina Rita Segato, ao discutir sobre as relações entre violência e gênero na América Latina e como essas se relacionam às dinâmicas de poder, nos apresenta o termo *pré-história patriarcal da humanidade* (Segato 2003), expressão que utiliza para reforçar a ideia de um longo histórico de violências que atravessam os corpos femininos nesse território. A autora ainda afirma que o patriarcado, ou relação de gênero baseada na desigualdade, é a estrutura política mais arcaica e permanente da humanidade (Segato, 2016).

As reflexões de Segato convergem diretamente com a narrativa de Allende à medida que a trajetória de suas personagens conectam-se não apenas na travessia, mas nas violências que marcam suas experiências migratórias e seus corpos, suas memórias revelam não só o afeto mas a opressão histórica que acomete as mais diversas gerações de mulheres de suas famílias, sejam as que em determinado momento migraram, sejam as que permaneceram em seus países de origem, como evidencia o seguinte trecho:

— Ela acaba de me ligar. Há um escândalo no seu país. Trata-se de uma série de crimes. Foram descobertos vários cadáveres no pátio de uma propriedade na cidade de Chalchuapa; alguns datam de vários anos, mas a maioria é recente. Contou que os vizinhos ouviram os gritos de uma mulher e chamaram a polícia, que chegou com uma hora de atraso. Ai já era tarde. Encontraram uma jovem assassinada a golpes de barra de ferro. Prenderam o dono da casa, mas, a pedido dos vizinhos, que suspeitavam fazia muito tempo de que algo terrível acontecia lá, cavaram o pátio e descobriram restos humanos em várias valas comuns.
— Até agora as vítimas são mulheres e meninas. Suspeita-se de que há mais corpos enterrados — disse Selena.
— Outro caso de violência de gênero... — murmurou Samuel. (Allende, 2023, p.207)

Essa realidade, para Segato (2016) não ocorre por acaso. Isso porque, para a autora, a violação e a opressão dos corpos femininos configura-se como metodologia de guerra, uma tática não apenas de dominação dos corpos, mas do próprio território.

Diante de tal contexto, torna-se válido resgatar uma expressão que dialoga diretamente com a perspectiva de Segato e com a narrativa de Allende, a de *corpo-território*. Sobre tal expressão, Cruz Hernández (2017, p.43) destaca que “[...] la invitación que deja la propuesta cuerpo-territorio es mirar a los cuerpos como territorios vivos e históricos que aluden a una interpretación cosmogónica y política donde en él habitan nuestras heridas, memorias, saberes, deseos, sueños individuales y comunes [...]”. Ainda sobre essa ideia de corpo como território, Marchese (2019, p.25) profere que “[...] al ser espacio, el cuerpo es un mapa, y al ser mapa, es memoria y sedimentación histórica. El cuerpo puede llegar a ser una superficie en la cual se inscriben mensajes”. Essa concepção encontra ressonância na narrativa de Isabel Allende, à medida que o corpo é o primeiro território a ser violado: “[...] todos foram torturados, inclusive as crianças, em busca de informações; estupraram as mulheres e depois executaram todos, uns a tiros, outros a facadas; alguns foram queimados vivos” (Allende, 2023, p.55) e, simultaneamente, o último refúgio da memória e da identidade. O corpo ferido de Marisol, alvo da violência masculina e estatal, materializa a tentativa de aniquilação de mulheres cuja existência ameaça as estruturas patriarcais:

— Esta é uma guerra contra as mulheres. Somos estupradas, torturadas e mortas com toda a impunidade. Chega! — exclamou a avó. [...] — Elas merecem justiça,

assim como as milhares de outras mulheres e meninas que morrem assassinadas sem que ninguém pague por isso. (Allende, 2023, P.213-214)

Já o corpo de Anita, separado do materno, carrega a ausência como cicatriz, nele se inscreve a experiência do exílio e da perda:

E continuamos esperando a mamãe. Acho esquisito ela ainda não ter vindo buscar a gente, nem ter telefonado. Deve ser porque onde ela está não há telefone. Quando a miss Selena puder falar com a mamãe, vai dizer onde estamos. Não estamos perdidas, Claudia. Não precisa ter medo, estamos separadas, só isso. Pelo menos podemos falar com a Tita Edu de vez em quando. Pra ela a gente não deve falar nada do mister Rick, porque ela está longe, e eu não quero cravar uma faca no coração dela. (Allende, 2023, p.175)

Leticia, com idade mais avançada, encarna o corpo como sedimentação histórica, um mapa onde o tempo deixa rastros:

— Você deve ter uma boa vida.
— Não me queixo, porque vivo em paz, mas nem sempre foi assim.
— Quanto tempo faz que nos conhecemos? — perguntou ele.
— Vinte anos. Quem me trouxe foi Cruz Torres, o construtor que consertou a casa. Eu era jovem quando comecei a trabalhar com o senhor e a dona Nadine. (Allende, 2023, p.169)

Entretanto, reitera-se que, o mesmo corpo, como território, que é palco de opressão e desumanização, é também palco de resistência. No caso das personagens de Allende, essa resistência se dá pelo próprio exercício constante da lembrança, pela dança e pelo canto, como no caso de Leticia: “— Sabe, Leticia? Você é a pessoa mais alegre que eu conheci, tudo é motivo de diversão para você, cozinha cantando e passa aspirador em ritmo de rumba.” (Allende, 2023, p.169) pela invisibilidade eletiva que Anita utiliza como instrumento de autopreservação:

Essa história de invisibilidade é bem útil, porque serve pra muita coisa. Por exemplo, quando esses moleques que não são meus irmãos começam a atormentar, em vez de brigar, que não dá certo porque eles são maiores, a gente pode se concentrar e ficar invisível, então eles não podem fazer nada. Também serve quando a gente não quiser falar com ninguém, ou quando estiver assustada. (Allende, 2023, p.174)

E pela saída urgente de Marisol de El Salvador, juntamente com Anita, na tentativa de ressignificar as marcas de seu corpo, não mais como marcas da violência mas como testemunhas de um corpo que resiste ao descaso estatal e a um sistema patriarcal que desumaniza, tanto do país de origem como no país de destino, como vemos:

Marisol cruzou ilegalmente e apareceu nos Estados Unidos, no deserto, onde foi detida com a menina. No bloqueio da guarda de fronteira, ela explicou ao policial que temia por ela e pela filha, pois estavam fugindo de um homem que as perseguia. Sabia que ele era assassino, havia tentado matá-la. Mostrou a cicatriz recente de um tiro no peito, que quase lhe custou a vida. Isso está no relatório. O que não está no relatório é a resposta do policial: “Não acredito em você, todos dizem a mesma

coisa, não sou pago para deixar você entrar nos Estados Unidos.” (Allende, 2023, p.78)

As personagens de Allende, têm seus corpos como seus primeiros territórios, aqueles que primeiro sofrem as mais diversas violências físicas e simbólicas, mas também aqueles em que a resistência se mostra de forma mais efetiva, através do movimento, da memória, da imaginação, do silêncio e da dança e do canto: “Você se lembra de alguma canção? Eu lembro. Vamos cantar Pin Pon. Essa não? Então Arroz con leche, dessa você sempre gostou. “Arroz con leche me quiero casar, con una niña de la capital...”(Allende, 2023, p.88) revelando que “[...] el confinamiento de las mujeres en sus cuerpos-espacio es, de un lado, la base de la desigualdad y la opresión sexual, pero, del otro, las mismas categorías que han servido para encajarnos en poblaciones controlables, son las categorías desde las cuales empezar para revertir los fenómenos sistémicos violentos (Marchese, 2019, p.25).

Em *O Vento Sabe Meu Nome*, Allende revela que resistir, para as mulheres migrantes, é um gesto que se dá no cotidiano e se inscreve nos corpos que carregam tanto a memória da violência quanto o desejo de vida. O corpo, entendido como território simbólico, torna-se o espaço onde a dor e o afeto coexistem. Leticia, Marisol e Anita personificam essa tensão entre ferida e cura, mostrando que a vulnerabilidade não é sinônimo de fraqueza, mas o ponto de partida de uma força silenciosa que se reinventa a cada travessia. Assim, a autora projeta na experiência migratória um campo de disputas, entre o que fere e o que sustenta, entre o que se perde e o que se recria, e faz do corpo feminino um território onde se inscrevem tanto a história da opressão quanto a possibilidade de (re)existência. É nesse limiar, entre o medo e a esperança, que se abre o caminho para pensar a migração como forma de resistência e de reconstrução do sentido de habitar o mundo, discussão que se expande nas reflexões finais deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se compreender como a literatura se constitui como um campo de saber e sensibilidade capaz de revelar dimensões subjetivas da experiência migratória feminina. O diálogo entre a Literatura e a Geografia, construído à luz da geografia literária, permitiu enxergar a migração não apenas como deslocamento físico, mas como fenômeno existencial e simbólico, que atravessa o corpo, a memória e o território. Por meio da análise de obras de autoria feminina, em especial *O vento sabe meu nome* (2023), de Isabel Allende, foi possível perceber como a narrativa ficcional ilumina aspectos que muitas vezes permanecem silenciados nas leituras estatísticas das migrações: o medo, o afeto, a perda e a esperança.

Ao revisitar as trajetórias de personagens migrantes de diferentes contextos, observou-se que a literatura oferece um espaço de elaboração e denúncia das desigualdades históricas que atingem as mulheres em movimento. Os deslocamentos narrados por autoras latino-americanas e de outras partes do mundo revelam que, para as mulheres, migrar raramente é um ato voluntário, trata-se, antes, de uma resposta às violências domésticas, políticas e estruturais que as empurram para fora de seus lugares de origem. A migração feminina, desse modo, se converte em um reflexo das hierarquias de gênero e de classe que moldam a sociedade contemporânea.

Sob essa perspectiva, as discussões teóricas apresentadas ao longo do trabalho mostraram-se fundamentais para compreender o modo como a literatura contribui para a representação da complexa articulação entre espaço, gênero e poder. O conceito de *bolsões de feminização* ajudou a dimensionar essa questão no contexto latino-americano, evidenciando como determinadas regiões do continente se configuram como zonas de intensa mobilidade feminina. Por um lado, esses *bolsões* revelam maior autonomia das mulheres no deslocamento, seja pela busca de melhores condições de vida, seja pela decisão de migrar em defesa da própria integridade. Por outro, evidenciam os altos índices de violência patriarcal, a *feminização* da pobreza e a ineficácia estatal na proteção das mulheres, fatores que empurram esses grupos à migração forçada. Ambos os cenários, o da liberdade e o da vulnerabilidade, coexistem e se combinam, desenhando a complexa geografia das migrações femininas contemporâneas na América Latina.

Desse modo, destaca-se que o enredo de *O vento sabe meu nome* insere-se nesse panorama, ao representar personagens que atravessam essas tensões. Marisol é obrigada a deixar o país após uma tentativa de feminicídio, revelando a migração como última alternativa

frente ao colapso das estruturas de proteção. Anita, separada da mãe, representa a infância migrante atravessada pela ausência e pela incompreensão do exílio. Leticia, por sua vez, encarna o legado das gerações anteriores, vivendo o deslocamento como memória e persistência. Entretanto, reitera-se que, ainda que em contextos distintos, em suas trajetórias, o gênero atua tanto como marcador que vulnerabiliza, como eixo de resistência e solidariedade.

A narrativa de Allende nos revela que a vulnerabilidade não é apenas individual, mas estrutural, resultado de um sistema patriarcal e colonial que restringe o direito das mulheres ao espaço e à mobilidade. Nesse sentido, migrar, para esses grupos, é um ato de resistência que desafia as geometrias do poder descritas por Doreen Massey. As mulheres de Allende, ao ultrapassarem as fronteiras impostas, desestabilizam essas geometrias, inscrevendo-se no espaço por meio da memória, do afeto e do movimento.

A leitura das trajetórias das personagens também evidencia a dimensão simbólica do corpo como território, integrada às discussões sobre espaço e gênero. Em *O vento sabe meu nome*, o corpo feminino surge como o primeiro espaço a ser ferido pelas violências sociais e patriarcais, mas também como o lugar em que se inscrevem a memória e a reconstrução. Ele guarda as marcas do exílio e, ao mesmo tempo, anuncia a possibilidade de resistência, mostrando-se como uma superfície onde se gravam tanto as dores quanto as potências de quem atravessa o mundo.

A imaginação literária, nesse contexto, surge como força que ressignifica o sofrimento e o transforma em gesto político. Isabel Allende, a partir de sua própria trajetória de exílio, traduz nas suas narrativas o entrelaçamento entre a história coletiva e a experiência íntima, transformando o trauma em linguagem e o deslocamento em poética. Sua escrita não apenas denuncia as injustiças, mas também oferece um espaço de escuta, reconhecimento e humanização. Em *O vento sabe meu nome*, as fronteiras são simultaneamente geográficas e emocionais, e o refúgio surge não como destino, mas como possibilidade de continuidade.

Com *O Vento Sabe Meu Nome*, Allende reafirma seu compromisso com uma literatura que não se limita a descrever o sofrimento, mas o transforma em matéria poética e política. Sua escrita dá visibilidade às mulheres e crianças que compõem o grupo mais vulnerável das migrações contemporâneas, deslocando o olhar do espetáculo da fronteira para o universo íntimo das afetividades. Leticia, Marisol e Anita personificam, de maneiras distintas, a luta por dignidade em meio ao desenraizamento. Elas resistem ao esquecimento, não apenas sobrevivendo, mas tecendo novas possibilidades de pertencimento em um mundo fragmentado.

As jornadas de Letícia, Marisol e Anita revelam que migrar é também lembrar: lembrar-se de quem se é, de quem se perdeu e do que ainda se pode reconstruir. Ao transformar o exílio em narrativa, Isabel Allende reinscreve o feminino no centro da história e da geografia, mostrando que o vento que dá nome ao romance é o mesmo que carrega as vozes das mulheres que se recusam a desaparecer.

Todavia, vale aqui destacar que a reflexão proposta por *O vento sabe meu nome* encontra continuidade em outras produções. Ao expandir o olhar, percebe-se que a migração e o deslocamento não são temas isolados, mas fios condutores que atravessam diferentes tempos e personagens na literatura feminina latino-americana, que continua crescendo. Isabel Allende segue nesse mesmo movimento, em obras como *A Ilha Sobre o Mar* (2009), *Muito Além do Inverno* (2017) e *Longa Pétala de Mar* (2019), em que a autora aborda, sob diferentes perspectivas, o diálogo entre migração feminina, memória e resistência, revelando que o deslocamento, em suas múltiplas formas, assim como o empoderamento e protagonismo feminino são marcas que não se restringem a *O Vento Sabe Meu Nome*, mas que fazem parte da sua trajetória pessoal e literária.

A partir dessas reflexões, é possível constatar que o estudo acerca das migrações femininas na literatura latino-americana permanece como campo fértil para investigações futuras. Outras obras de Allende, bem como de outras autoras, abrem novas possibilidades de leitura sobre o exílio, a memória e a resistência feminina nas Américas. Desse modo, este trabalho não se encerra, e pode ser desdobrado em caminhos que podem aprofundar o diálogo entre Literatura, gênero e Geografia, ampliando a compreensão das formas como as mulheres narram e reinventam suas travessias.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. No seu pescoço. In: ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu pescoço**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. pp. 109- 121.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2022.
- ALLENDE, Isabel. **O vento sabe meu nome**. Editora Bertrand Brasil, 2023.
- ALLENDE, Isabel. Isabel Allende escreve uma ode aos imigrantes meio século depois do golpe que a exilou. [Entrevista concedida a] M. PAIXÃO. **ACESSA.com**, Juiz de Fora, 7 set. 2023. Disponível em: <https://www.acesa.com/cultura/2023/09/172510-isabel-allende-escreve-uma-ode-a-imigrantes-meio-seculo-depois-do-golpe-que-a-exilou.html>. Acesso em: 20 mar. 2025.
- ALLENDE, Isabel. Aos 83, Isabel Allende diz que “nunca é tarde demais” para se reinventar. [Entrevista concedida a] Antonella AMBROSINI. **Forbes**, [S. l.], p. 1, 26 out. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2025/10/aos-83-isabel-allende-diz-que-nunca-e-tarde-demais-para-se-reinventar/>. Acesso em: 26 out. 2025.
- ALLENDE, Isabel. “*Meu avô se horrorizava com o fato de alguém de seu sangue escrever sobre aborto, infidelidade, drogas*”. Entrevista concedida à **BBC News Brasil**. Brasil, 2 dez. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46365649>. Acesso em: 30 out. 2025.
- ALLENDE, Isabel. “*Em novo livro, Isabel Allende faz uma reflexão sobre o movimento feminista*”. Entrevista por e-mail publicada na **Exame (Casual)**. São Paulo, 30 nov. 2020. Disponível em: <https://exame.com/casual/em-novo-livro-isabel-allende-faz-uma-reflexao-sobre-o-movimento-feminista/>. Acesso em: 30 out. 2025.
- ÁLVAREZ, María Laura Arce. Bodily matters: the female Dominican diaspora in Angie Cruz’s *Dominicana*. **International Journal of English Studies**, v. 23, n. 1, p. 163-178, 2023.
- ANDRADE, Tuyra. **A Boca do Peixe**. Fortaleza-CE: Substância, 2024.
- ARAÚJO, Lilian Falcão de. História, literatura e biografia: a construção social do êxito editorial de Isabel Allende no Brasil dos anos 1980. **História & Democracia**. UNIFESP. Guarulhos. São Paulo, 2018.
- ARDILA-JARAMILLO, Clemencia. Fronteras en vilo. Un estudio sobre Hot sur de Laura Restrepo. **Anuario de estudios americanos**, v. 73, n. 2, p. 457-482, 2016.
- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. **Explorações geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 319-367, 1997.

BOYD, Monica; GRIECO, Elizabeth. **Women and migration**: Incorporating gender into international migration theory. 2003.

BOUVET, Rachel. **Como habitar o mundo de maneira geopoética?** Pelotas-RS: Interfaces Brasil/Canadá, 2012.

BOTEGA, Tuíla. Por um olhar mais humano sobre as mulheres migrantes. **IHU – Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 22 nov. 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/78-noticias/562587-por-um-olhar-mais-humano-sobre-as-mulheres-migrantes>. Acesso em: 30 out. 2025.

BRACHT, Mary Lynn. **Herdeiras do Mar**. Trad. Julia de Souza. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2020.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeni (Orgs.) **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

BRUM, Jean Lucas da Silva. Entre Lugares e Deslugares: Um olhar teórico a partir de Relph e Augé. **Anais XVI ENANPUR**, Brasil, 2015. Disponível em: <https://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenanpur/article/view/1997/1976>. Acesso em: 4 mar. 2025.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia Literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza-CE: Edições UFC, 2019.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. Por uma Geografia literária: de leituras de espaço e espaços de leitura. **Revista da ANPEGE**, v. 16, n.31, p. 191-201, 2020.

CATUNDA, Dalinha. **Eu sou o sertão!**. Cantinho da Dalinha do Cordel, 05 jan. 2016. Disponível em: <https://cantinhodadalinha.blogspot.com/2016/01/eu-sou-o-sertao.html>. Acesso em: 19 set. 2025.

COLLOT, Michel. **Rumo a uma geografia literária**. (Trad. ALVES, Ilda) Niterói, RJ. Gragoatá, 17(33), 2012.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex**: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. The University of Chicago Legal Forum, n. 140, 1989.

CHRISTOU, Anastasia; KOFMAN, Eleonore. Gender and migration: An introduction. In: Gender and migration: IMISCOE short reader. Cham: **Springer International Publishing**, 2022. p. 1-12.

CRUZ, Angie. **Dominicana**. London: John Murray, 2019.

CRUZ, Edna Sousa; MOTA, Larissa Sá; ASSUNÇÃO, Milene Oliveira. Akunna: a narrativa do sujeito deslocado no conto “No seu pescoço”, de Chimamanda Ngozi Adichie. Bakhtiniana: **Revista de Estudos do Discurso**, v. 20, n. 3, 2025.

CRUZ HERNÁNDEZ, D. T. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. **Solar**, v. 12, n. 1, p. 35-46, 2017.

DUARTE, Daniela Miranda; CUNHA, Regiane Pereira Silva da. A FEMINIZAÇÃO DA POBREZA E A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DA MULHER. **Revista de Direito Sociais e Políticas Públicas**, Florianópolis, Brasil, v. 9, n. 2, 2024. Disponível em: <https://indexlaw.org/index.php/revistadsp/article/view/10018>. Acesso em: 30 out. 2025.

FALCÃO, Yago de Mesquita. **O romance e o imaginário: um recorte geográfico e literário do litoral cearense**. 2023. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

FERRANTE, Elena. A obsessão de Lena com coerência é um pecado capital contra a verdade. [Entrevista concedida a] Andrea AGUILAR. **El País Brasil**, São Paulo, 5 nov. 2015. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/05/cultura/1446727025_558899.html. Acesso em: 18 mar. 2025.

FRANCIS, D. **Fictions of Feminine: Sexuality and the Nation in Contemporary Caribbean Literature**. London: Palgrave Macmillan, 2010.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo (parte I)**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HILLESHEIM, Betina et al. Gênero, migração e vulnerabilidade: corpos de mulheres em deslocamento. **Revista Eletrônica Científica da UERGS**, v. 5, n. 2, p. 138-146, 2019.

HOLZER, W. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro, n.3, p.8-19, 1996.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina-PR: EDUEL, 2016. 392 p.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 2000.

KOZEL, S. [et al.] (orgs.). **Da percepção e cognição à Representação: reconstrução teórica da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, Salette. Geopóética das paisagens: olhar, sentir e ouvir a “natureza”. **Caderno de Geografia**, v.22, n.37, p.65-78, 2012.

LEE, Min Jin. **Pachinko**; Tradução Marina Vargas .1ª ed. Editora Intrínseca. Rio de Janeiro, 2020.

LEROY, Aurélie. **A face feminina das migrações globais**. Outras palavras. Retirado em, v. 7, p. 2024, 2023.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero e Migrações: trajetórias globais, trajetórias locais de trabalhadoras domésticas. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 14, n. 26/27, 2006.

MARCHESE, Giulia. Del cuerpo en el territorio al cuerpo-territorio: Elementos para una genealogía feminista latinoamericana de la crítica a la violencia. EntreDiversidades. **Revista de ciencias sociales y humanidades**, n. 13, p. 9-41, 2019.

MARANDOLA JR, Eduardo, OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **GEOGRAFIA**, Rio Claro-SP, v.34, n.3, p.487-508, 2009.

MARANDOLA JR, Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. **Revista brasileira de estudos de População**, v. 27, p. 407-424, 2010.

MASSEY, Doreen, Sentido Global do Lugar. **Marxism Today**, 1991.

MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

MASSEY, Doreen. **Geometrias de poder e a política do espaço-tempo**, Palestra Hettner, Heidelberg, Universidade de Heidelberg, 1999.

MIRANDA, Joana. **Mulheres Migrantes em Portugal**: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida. (Estudos OI; 35). Lisboa, 2009.

OLIVEIRA, Ana Aparecida Alves Pereira; SOARES, Maria Clara Pereira. Cordelistas no processo migratório: a expressão da experiência feminina e nordestina. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 20, 2016.

OLIVEIRA, Marcia Maria de; NORONHA, Nelson Matos de. Seminário Internacional Fazendo Gênero. **Algumas Conjecturas Sobre A Feminização Da Migração Na Amazônia**. Florianópolis, 2013.

OLIVEIRA, Liz Basso Antunes de; SCHENATTO, Cleiser. Oralidade e escrita em Eva Luna de Isabel Allende: alusão à transição das mulheres entre o silêncio e a voz. **Taller de Letras**, n. 71, p. 22–38, 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL PARA AS MIGRAÇÕES (OIM). **Relatório Mundial sobre Migração 2024**. 2024. Disponível em: <https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbdl1496/files/documents/2024-05/world-migration-report-2024.pdf>. Acesso em: 26 out. 2025.

RELPH, Edward. An inquiry in to the relations between phenomenology and geography. **Canadian Geographer**, Montreal, v. 14, n. 03 p. 193-201, 1970. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1541-0064.1970.tb01567.x>. 2022. Acesso em: 16 abr. 2025.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p.1-25, 1979.

SANTOS, Maria Fernanda Barbosa. **Zainichi**: estigmas e resistência em Pachinko, de Min Jin Lee. 2024. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, Pedreiras, 2024.

SCHILLER, N. G., Basch, L., & Blanc, C. S. (2019). De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. **Cadernos CERU**, 30(1), 349-394.

SEGATO, Rita Laura. **Las estructuras elementales de la violencia**. Buenos Aires: Prometeo; Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Traficantes de sueños, 2016.

SERPA, Angelo. (2019). **Por uma Geografia dos Espaços Vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Contexto.

SOUZA, Beatriz Santos de. **Parque industrial de Patrícia Galvão**: geografias de um romance proletário. 2023. 99 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

SOUZA, Lucas de. Herdeiras do Mar, de Mary Lynn Bracht: memória, trauma e a dominação política do corpo feminino. **Revista Garrafa**, v. 21, n. 60, p. 54–65, jul./dez. 2023. ISSN 1809-2586.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018.

TITTENSOR, D.; MANSOURI, F. The feminisation of migration? A critical overview. In: TITTENSOR, D.; MANSOURI, F. (org.). **The politics of women and migration in the Global South**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017.

TODARO, Michael P. Um modelo de migração laboral e desemprego urbano em países menos desenvolvidos. **The American Economic Review** , v. 59, n. 1, p. 138-148, 1969.

VICENTE, A. (1999). As mulheres nos mundos de hoje. In H. Holanda & M. Capelato (Orgs.) **Relações de Gênero e diversidades culturais nas Américas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo : Edusp.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Tradução de Livia de Oliveira). Londrina: Eduel, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Estratégias de subjetificação na ficção contemporânea de mulheres**: exílio, migração, errância e outros deslocamentos. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 40, n. 2, 2018.